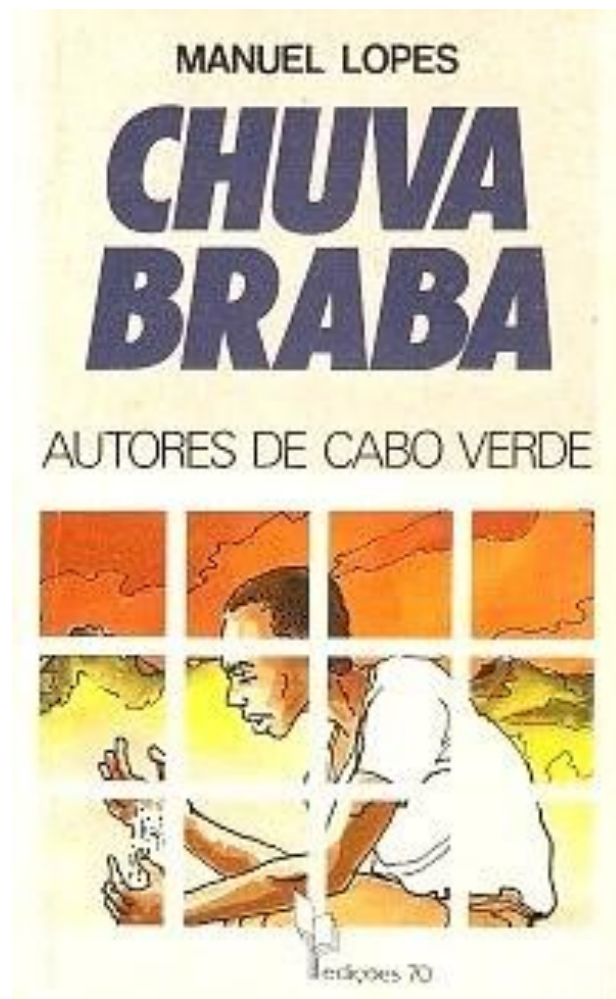


Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

DISSERTAÇÃO

A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel
Lopes



Mestrando: Oceano Artur da Luz

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria de Fátima Fernandes

Universidade de Cabo Verde

Mindelo, dezembro de 2020



Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

TEMA:

A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel
Lopes

Projeto apresentado à Universidade de Cabo Verde como requisito básico para obtenção do grau de Mestre em Ensino da Língua Portuguesa, Língua Segunda, Língua Estrangeira sob orientação da **Professora Doutora Maria de Fátima Fernandes**

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra Chuva Braba de Manuel Lopes.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos àqueles que me ajudaram a ultrapassar as barreiras e chegar à meta com sucesso, de modo particular a minha falecida Mãe, e aos meus queridos filhos, Artur Jorge Pires da Luz e Cauã Miguel Delgado Santos da Luz.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem a colaboração de várias pessoas, pelo que não faria sentido deixá-las sem uma palavra de apreço. Por isso quero manifestar o meu profundo reconhecimento e gratidão a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que tal fosse possível.

À minha orientadora, professora Doutora **Maria de Fátima Fernandes**, pelo constante incentivo, moral e científico, dado durante a sua realização deste trabalho e por ter respondido sempre às minhas solicitações no âmbito da sua conceção.

À minha família e aos meus amigos, pela afetividade, ajuda e companheirismo, e reconheço quão é o amor e a amizade que nos une.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

(...) “a escrita começa onde a fala
se torna impossível”.

Roland Barthes

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

RESUMO

Na conceção deste trabalho de investigação, que tem como tema *A Identidade Cultural do Homem Cabo-Verdiano na obra Chuva Braba de Manuel Lopes*, tivemos como objetivo geral elaborar uma proposta de guia de análise da obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes, em que os objetivos gerais passam por apresentar estratégias de leitura da obra *Chuva Braba*; desenvolver estratégias para facultar aos alunos e docentes um documento que os possa orientar no estudo da obra *Chuva Braba* e no conhecimento do seu autor; apresentar propostas alternativas de instrumentos de trabalho que auxiliem os alunos para uma autonomia e maior interesse pela literatura cabo-verdiana e pelos seus autores.

Procura-se mostrar a vida e obra de Manuel Lopes, a importância que a sua narrativa teve para com a ilha de Santo Antão, apresentando as más condições sociais vividas por causa da falta de chuva e do apego do homem a terra, colocando a nu o dilema do partir ou ficar, que moveu o povo das ilhas. O cabo-verdiano desde muito cedo se apropriou de elementos definidores da sua identidade como povo, quais sejam, a língua, a gastronomia, os mitos e crenças e, que estão presentes na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes. Com efeito, pudemos notar que esse texto traz à cena temáticas do real social das ilhas que marcam um ponto de viragem na produção literária cabo-verdiana após 1936, ano da publicação da revista *Clareza*. Partindo da obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes, propomos um roteiro de estudo da mesma obra, assente nas categorias da narrativa presentes, e em propostas de exercícios de análise centradas no aluno e na sua interação com o texto.

Palavras-chave: Identidade; Real Social; Partir/ficar; Roteiro de análise.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Abstract

In the conception of this research work, which has as its theme The Cultural Identity of the Cape Verdean Man in the work *Chuva Braba* by Manuel Lopes, we had as general objectives to elaborate a proposal of analysis guide of the work *Chuva Braba* by Manuel Lopes, in which the general objectives are to present strategies for reading the work *Chuva Braba*; develop strategies to provide students and teachers with a document that can guide them in study of the work *Chuva Braba* and the knowledge of its author; to present alternative proposals for work tools that help students for autonomy and greater interest in deep knowledge of Cape Verdean literature and its authors.

we seek to show the life and work of Manuel Lopes, the importance that his narrative had for the island of Santo Antão, demonstrating the poor social conditions experienced because of the lack of rain and the attachment of man to the land, exposing the dilemma of leaving or staying, which moved the people of the islands. Cape Verdean people, from an early age, appropriated elements that define their identity as a people, namely, language, gastronomy, myths and beliefs, and which are present in Manuel Lopes' *Chuva Braba*. In fact, we could see that this text brings to the scene the themes of the social reality of the islands that mark a turning point in Cape Verdean literary production after 1936, the year of the publication of the magazine *Claridade*. Starting from the work *Chuva Braba* by Manuel Lopes, we propose an analysis script for the same work, based on the present narrative categories, and on proposals for analysis exercises centered on the student and his interaction with the text.

Keywords: Identity; Real Social; Depart / stay; Analysis script.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra Chuva Braba de Manuel Lopes.

Índice

1.	Introdução	1
2.	Justificação.....	2
2.1	Problematização.....	2
2.2	Enquadramento teórico	4
2.3	Perguntas de Partida	6
2.4	Objetivos Gerais	7
2.5	Objetivo Específico	7
3.	Metodologia e Procedimentos da Pesquisa	7
4.	O autor – Vida e Obra	8
4.1	Breve Biobibliografia de Manuel Lopes	8
4.2	A Relação de Manuel Lopes com Santo Antão:.....	12
4.2.1	Secas e fomes em Santo Antão.....	12
4.2.2	Manuel Lopes e a comunidade local – o caso de R ^a das Patas.....	14
5.	O Conceito de Identidade Cultural	16
5.1	A identidade cultural cabo-verdiana.....	18
5.2	A expressão da Identidade Cultural na obra Chuva Braba.....	19
6.	Roteiro de Análise da Obra Chuva Braba.....	22
6.1	Notas orientadoras para a leitura da obra no 11 ^o ano de escolaridade.....	22
6.2	Introdução à leitura de chuva Braba.....	24
6.2.1	Resumo da obra Chuva Braba.....	24
6.2.2	O autor e seu tempo (M. Lopes e a Claridade; depois da claridade)	26
6.2.3	Manuel Lopes e a ficção	29
6.3	Estrutura da Narrativa – Breves Notas.....	32
6.3.1	O narrador e o autor.....	32
6.3.2	As personagens.....	35
6.3.3	Caraterização da obra.....	41
6.3.4	Representatividade social.....	44
6.4	Do Espaço:.....	47
6.4.1	Caraterísticas fundamentais do espaço;.....	47

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

6.4.2	Espaço físico;.....	47
6.4.3	Espaço social	50
6.4.4	Espaço psicológico	51
6.5	Da ação	53
6.5.1	Níveis e relevo da ação	53
6.5.2	Estrutura actancial	56
6.6	Ponto de Vista:	61
6.6.1	Modos de representação.....	61
6.6.2	Focalização omnisciente;.....	63
6.6.3	Focalização Interna	65
6.7	Tempo:	66
6.7.1	Tempo da história	66
6.7.2	Tempo do discurso.....	67
6.7.3	Tempo psicológico	70
6.8	Ideologia:.....	70
6.8.1	Processos conotativos de expressão ideológica.....	70
6.8.2	Ideologia do narrador e da personagem central	71
7.	Considerações Finais.....	74
8.	Bibliografia	77
9.	ANEXOS.....	81

1. Introdução

O interesse pelo conhecimento da produção estética do autor Manuel Lopes, aliado à vontade de produção de um guia orientador do estudo da obra *Chuva Braba* para os alunos e professores do Ensino Secundário, convergiram como principais elementos da realização do presente trabalho.

Conscientes da existência de lacunas no processo de ensino/aprendizagem dos autores clássicos nos nossos alunos e uma vez que os programas do ensino secundário colocam o aluno em contacto com os autores clássicos no 11º ano de escolaridade, o que ao nosso ver é muito tarde, pois deveriam ter o contacto com os autores desde o 7º ano de escolaridade, espera-se que *uma investigação* neste âmbito possa vir a contribuir para uma mudança nas práticas pedagógicas até agora existentes.

Ao longo da nossa função docente, temo-nos deparado com alunos com dificuldades enormes no conhecimento dos nossos autores clássicos, e cada dia que passa quase que o problema se torna cada vez mais preocupante, uma vez que os alunos saem do ensino secundário praticamente sem os conhecer e, conseqüentemente sem conhecer o contributo que os autores deram para o afirmar da nossa identidade literária e no reconhecimento internacional das nossas ilhas. Por outro lado, o conteúdo relativo ao conhecimento dos autores clássicos não está bem claro nos programas e, conseqüentemente há esta lacuna no perfil de saída do aluno no 12º ano.

Pensamos com este trabalho trazer contributos no sentido de reforçar o contacto e conhecimento dos alunos no processo de compreensão da nossa literatura através dos nossos clássicos, dotando-os de uma ferramenta que lhes permita trabalhar da melhor forma a obra *Chuva Braba* dentro da sala de aula e, também dotar os nossos colegas de ferramentas que lhes permitam trabalhar de forma consistente os clássicos, no caso o escritor cabo-verdiano Manuel Lopes, e o quanto ele fez para demonstrar as *situações telúricas* vividas na ilha de Santo Antão nas décadas de 40.

2. Justificação

2.1 Problematização

Falar de Literatura é sempre estimulante para o pesquisador que se interessa por esta área, uma vez que pressupõe sistematizar os vários componentes que a integram, essencialmente a partir do enquadramento ideológico de cada um deles, bem como as pressuposições que advém da sua utilização em contexto de enunciação. Neste sentido compreender a sua natureza implica, entender a sua funcionalidade e assimilar um acervo de pressupostos ideológicos e técnicos que tidos em conta à sua instituição. Como se sabe a literatura é ancorada na linguagem e na capacidade de a utilizar com diferentes fins. O significativo incorporado no texto pode ser decifrado através do processo de contextualização que o leitor faz da linguagem literária.

O trabalho que propomos recai sobre uma leitura atenta da obra literária *Chuva Braba*, a sua estreita ligação para o afirmar de uma identidade nacional que servirá como um documento de consulta e aprendizagem para alunos e docentes. Para tal impõe estruturar o trabalho em diferentes partes, para que se perceba o percurso traçado no mesmo, com destino final ao documento/guia de leitura da obra em análise.

Desde os primórdios, a procura de uma identidade cultural, foi sempre um desígnio dos escritores cabo-verdianos. Desde muito cedo “As literaturas da África lusófona desenvolvem-se, à procura da sua própria identidade, a partir dos anos 1930” (HANRAS 1995, p. 47). Mesmo com a censura imposta na altura pelo Regime do Estado Novo, liderado por Salazar, os jovens cabo-verdianos tomaram a consciência cultural e política de que era necessário fazer algo para retratar os problemas telúricos das ilhas. Daí que em 1936 encontramos uma literatura cabo-verdiana, com alusão aos problemas das ilhas e consequentemente uma literatura claramente à procura da identidade cultural do povo das ilhas. Segundo Brito-Semedo (2006):

O longo processo de formação da nação cabo-verdiana foi determinante para que, muito cedo, surgisse o sentimento e a consciência de uma identidade nacional, como expressão de uma cultura singular que caracteriza o cabo-verdiano como tal e o distingue enquanto povo. É a tomada dessa consciência em relação a outros grupos humanos que o leva a valorizar a sua identidade e a desenvolver uma contestação cultural face ao domínio colonial. (p.34).

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Este autor partilha ainda da opinião de que “A consciência dessa identidade é ainda hoje muito forte no cabo-verdiano, sobremaneira evidente no seu discurso quotidiano e bem assim na coesão cultural das comunidades emigradas”. (Brito-Semedo, p.34). Os intelectuais dos anos trinta, entre eles Manuel Lopes, *tomaram a consciência da crise social vivida nas ilhas e procuraram interferir no sentido de modificar essa realidade*. Já em 1935 Manuel Lopes descrevera no poema *Nocturnos* a miséria que se vivia no Porto Grande do Mindelo. Depois com as obras *Chuva Braba* (1956) e *Flagelados do Vento Leste* (1959) regista a miséria vivida na ilha de Santo Antão provocada pela falta de chuva na primeira obra, e pela *lestada* na segunda obra.

Chuva Braba apresenta-nos os dois lados mais evidentes da vida em Cabo Verde, por um lado uma terra promissora onde ela produzirá para o sustento dos seus filhos, e por outro uma incerteza constante dessas mesmas promessas se não chover e conseqüentemente não havendo pão para os filhos.

A base temática da obra *Chuva Braba*, retrato dos problemas telúricos do homem cabo-verdiano, ou seja, os seus problemas que se emanam da seca, demonstrando como este serve de base e exemplo para a literatura cabo-verdiana da época. “Ao fincarem os pés no chão das ilhas para poderem pensar os problemas de Cabo Verde, aqueles escritores legaram (os dois últimos) à posteridade dois romances: *Chiquinho* 1947, *Chuva Braba* 1956...” (Semedo,1995, Vol. I p. xvii).

Manuel Lopes conseguiu brindar-nos com uma criação onde nos deparamos com imagens tremendas de uma terra sem esperança e uma fé inabalável do homem cabo-verdiano que não desanima e não desiste de esperar que a chuva caia e o amanhã seja bem melhor.

Os programas do 11º e 12º ano de escolaridade deveriam apontar para diferentes elementos de análise textual que passariam por fazer menos alusão a leitura extensiva para informação e fazer mais alusão à leitura para análise da estrutura interna e externa do texto, que passaria obrigatoriamente pela pré-leitura e leitura-descoberta, e a leitura metódica serviria para consolidar a pós-leitura. Assim o docente poderia promover no aluno a proficiência literária proposta que não consta dos referidos programas. E é de salientar que essas propostas de leitura serviriam para que o aluno adquirisse competências para a leitura das obras literárias. Portanto o trabalho almeja colmatar essa lacuna existente nos programas.

2.2 Enquadramento teórico

Neste ponto pretendemos realçar informações obtidas através das consultas bibliográficas relevantes para a compreensão da temática da Identidade Cultural na obra *Chuva Braba*, as quais nos ajudarão a percorrer o caminho para as respostas intrínsecas às perguntas de partida para além da clarificação de algumas questões técnicas relacionadas com o tema.

A questão da *identidade* é algo que está relacionado também com as modificações sociais ocorridas ao longo dos tempos e tem sido objeto de estudo em diferentes campos científicos. O tema identidade é uma problemática que trespassa grande parte da literatura cabo-verdiana e isso é devido ao posicionamento que muitos escritores tiveram relativamente a África e também é algo que nos ajuda a situar cada escritor dentro de uma determinada época ou geração literária. Sobre este assunto, Oliveira Barros afirmara que, a geração da claridade:

“...não falavam para a sua gente nos romances, novelas ou poemas. O interlocutor subentendido não era o cabo-verdiano. Mesmo que se falasse dele, da terra dele, da miséria dele, o interlocutor subentendido era o português. Mostravam o que existia de bom, de mau e de vilão em Cabo Verde, mas o interlocutor- esse tinham-no em mente – era o público português, dominador. Uma tentativa de afirmação da adjacência europeia de Cabo Verde e do seu afastamento de África. LABAN, “Encontro com João Henrique de Oliveira (BARROS”, 1992, pp.543-544).

Pode-se debater sobre o interlocutor da voz dos homens da claridade, mas o que interessa para o nosso trabalho é que esta geração teve a inquietação de dar voz ao povo cabo-verdiano, votado ao silêncio durante séculos de dominação.

Relativamente a problemática de definição da identidade, Maria Luísa Baptista diz o seguinte:

Como vemos, a busca de inserção numa tradição cultural europeia ou africana, busca de identidade, vem-se prolongando até à contemporaneidade; afinal, numa confirmação tácita de uma insularidade sócio-cultural. Questão histórica que não obsta, no fim de contas, à da afirmação de uma individualidade sócio-política de uma identidade nacional. (BAPTISTA, 1993, p. 25).

Nas populações insulares encontram-se estes apanágios e naquilo que são as suas relações com o continente segundo Jean-Michel Racault:

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Ao afirmar a sua diferença, o insulano disputa certamente o padrão continental, mas é um modo de se posicionar em relação a ele. É o tema da identidade – Este bem imaginário do qual só nos damos conta quando acreditamos tê-lo perdido – é talvez a confissão de uma relação problemática para com o mundo da ilha e para consigo mesmo. (RACAULT, 1995, p. 11).

Segundo Manuel Lopes os claridosos tinham como objetivo o entendimento e a significação da identidade do homem cabo-verdiano, ou seja, entendiam a cabo-verdianidade como sendo “a existência simbiótica das diversas facetas referenciais subjacentes aos conceitos de telurismo, evasão, ‘querer bipartido’ e religiosidade, que confere à insularidade cabo-verdiana, a sua genuína identidade, isto é, o seu estatuto de cabo-verdianidade”. Duarte (1998, p.46). Igualmente Manuel Lopes ancora a cabo-verdianidade nos elementos (telurismo, evasão, no partir ou ficar e na religiosidade), uma vez que são elementos que estão presentes onde quer que esteja um cabo-verdiano.

Por sua vez, Fernandes, Maria de Fátima diz que:

A identidade traduz a fidelidade àquilo com que o indivíduo se identifica, embora se aceite que possam ocorrer oscilações próprias ao equilíbrio do todo, envolvendo por isso uma predisposição para a reconstrução e recriação por parte do indivíduo, das quais a mesma definição dá conta. (FERNANDES, 2016, p. 151).

Quer com isto dizer, que o indivíduo por vezes tem contactos com outros elementos pelos quais não se identifica com eles, mas que podem ser incorporados por causa do meio em que está inserido, não se deixando perder os traços verdadeiros da sua identidade. Isto é, a busca da identidade cultural do povo das ilhas é algo que vem desde muito cedo e vários *foram os escritores que de uma forma ou de outra tentaram fazer isso dentro das limitações ideológicas impostas pelo regime na altura*. Assim, podemos dizer que a identidade pode ser definida em relação à autonomia e ao entendimento pessoal e coletivo.

Dentro do grupo da claridade, parece-nos que Manuel Lopes era o que tinha um projeto literário mais consistente, e essa particularidade reside na configuração de como reinventa a sociedade, na maneira como encara e encarna os valores culturais, constituindo, a nosso ver, um exemplo constante da busca de autonomia e de identidade do povo dessas ilhas.

Na obra *Chuva Braba* Manuel Lopes mostra-se preocupado com o homem comum, para demonstrar o apego deste homem à terra e defendendo a sua identidade cultural. O

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

perfil intelectual desenvolvido pelo autor de *Chuva Braba* foi importante para a construção de personagens representativas dessa riqueza dos antepassados que encara o real de forma complexa, ante os problemas sociais e as dificuldades impostas pela falta de água no Ribeirãozinho. Manuel Lopes nas suas obras abordou as temáticas do telurismo, ou seja, do real social das ilhas de Cabo Verde e, em particular a da ilha de Santo Antão, como uma chamada de atenção e tomada de consciência perante as más condições sociais vividas nas ilhas.

Estudar o contributo dado pelos nossos autores sobre a literatura cabo-verdiana é sempre bom e estimulante e, há vários estudos sobre o poeta e escritor Manuel Lopes, mas o estudo que ora se apresenta tem de diferente em relação aos outros o facto de apresentar como produto final um documento de estudo que servirá aos alunos do 11º e 12º anos de escolaridade e professores de língua portuguesa.

Centraremos a atenção na edição de 1982 da obra *Chuva Braba* e, em outras obras e trabalhos científicos que nos ajudarão a atingir os objetivos estabelecidos para o trabalho.

2.3 Perguntas de Partida

Dada a importância que a obra *Chuva Braba* ocupa no meio literário cabo-verdiano, e por acharmos que ela merece maior atenção dentro dos programas de língua portuguesa, no sentido de dar conhecimento aos nossos alunos e de fortalecimento da leitura dos clássicos como forma de descoberta da nossa identidade cultural através da literatura cabo-verdiana.

Neste sentido pretendemos responder a algumas inquietações ou questões:

- ✓ - Como ler Manuel Lopes no 11º ano de escolaridade?
- ✓ - Como é que o programa da disciplina de Língua Portuguesa orienta o estudo de autores referenciais como Manuel Lopes e o que ele representa, por exemplo, para o conhecimento de ilhas como Santo Antão?
- ✓ - Quais os valores identitários e culturais narrados na obra e que perduram ainda na nossa sociedade?

No sentido, propomo-nos atingir os seguintes objetivos:

2.4 Objetivo Geral

- ✓ Elaborar uma proposta de guia de análise da obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes;

2.5 Objetivos Específicos

- ✓ Apresentar estratégias de leitura da obra *Chuva Braba*;
- ✓ Desenvolver estratégias para facultar aos alunos e docentes um documento que os possa orientar no estudo da obra *Chuva Braba* e no conhecimento do seu autor;
- ✓ Apresentar propostas alternativas de instrumentos de trabalho que auxiliem os alunos para uma autonomia e maior interesse pelo conhecimento profundo da literatura cabo-verdiana e pelos seus autores;

3. Metodologia e Procedimentos da Pesquisa

A metodologia reveste-se de uma capital importância para um trabalho científico, uma vez que ela é definidora do esclarecimento do espaço de ação, na aceção de trilhos que sejam factíveis para a concretização dos resultados que desejamos. Assim o nosso trabalho, está delimitado por um horizonte temporal que dá primazia a uma metodologia ancorada numa profunda revisão bibliográfica, beneficiando assim, de uma pormenorizada análise documental permitindo-nos investigar e tirar maior partido da documentação existente, possibilitando assim uma formalização e fundamentação dos nossos conceitos sobre o nosso objeto de análise. Assim sendo, procuramos uma bibliografia consistente e fiável que passou por obras de entendedores, quais sejam (livros, monográficos, teses, dissertações, artigos, revistas e jornais) que foram capazes de nos fornecer um aglomerado de informações passível de nos ampliar o campo do assunto em estudo. O passo seguinte foi uma análise crítica dos trabalhos acima mencionados, no sentido de ver como cada autor trata a matéria em estudo, para que pudéssemos elaborar um padrão que satisfizesse na concretização dos nossos objetivos e que vá ao encontro das linhas investigativas exigidas pelo mestrado.

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Ancorado nesses pressupostos, o nosso trabalho está distribuído em três partes. A primeira parte em que temos uma pequena ilustração da conveniência do tema, a problematização e os objetivos do estudo. Na segunda parte apresentamos o autor e a sua relação com a ilha de Santo Antão, bem como os resultados da revisão bibliográfica relacionada com a Identidade cabo-verdiana com base na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes, assim como as aceções que encorpam na nossa Identidade Cultural no plano diacrónico. Na terceira parte patentaremos o roteiro de análise da obra *Chuva Braba*.

4. O autor – Vida e Obra

4.1 Breve Biobibliografia de Manuel Lopes

Manuel António dos Santos Lopes nasceu na ilha de São Vicente, a 23 de dezembro de 1907, onde viria a ser batizado a 7 de novembro de 1909.

Manuel Lopes fez os seus estudos no Liceu *Infante D. Henrique* criado em 1917 e que em 1937 passou a ser chamado de Liceu *Gil Eanes*, e posteriormente *Liceu Jorge Barbosa*.

Seu pai era de origem portuguesa, mais propriamente coimbrã, mas faleceu em 1918 e no ano seguinte Manuel Lopes parte para Portugal, fixando-se por quatro anos em Coimbra onde segue as aulas do Colégio São Pedro e de uma escola comercial. Esta passagem por Coimbra abriu-lhe a oportunidade de frequentar as salas de cinema, e aos catorze anos assiste à projeção de *Otelo*, onde descobriu Shakespeare e a noção de drama. Passa a frequentar a Biblioteca Municipal e desenvolve o gosto pela leitura, lendo Victor Hugo, Alexandre Dumas, Jules Verne, Guerra Junqueiro...e começa a compor poemas e a desenhar.

Em 1923, com 16 anos de idade, regressa a Cabo Verde reencontrando-se com a sua mãe, e onde espera-o um emprego na “Western Telegraph Company”,¹ reintegrando-se rapidamente nos espaços humano, cultural e geográfico de *São Vicente*. Nesta ilha, cria conhecimentos e relaciona-se com diversas personalidades, sobretudo escritores e outras pessoas de *sensibilidade cultural*. A ilha na altura era um importante lugar simbólico, de informação cultural, aonde chegavam os ecos de todos os modernismos, nomeadamente o brasileiro, que serviu como uma das fontes de inspiração do grupo da revista *Claridade*,

¹ Western Telegraph companhia inglesa de cabos submarino estabelecido em S. Vicente.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

movimento literário, cultural e nacional, que lançou as raízes da modernidade literária cabo-verdiana, e no qual Manuel Lopes ocupa um lugar também fundador.

Aos vinte e três anos muda de emprego para uma empresa italiana congénere que, todavia, viria a encerrar devido à segunda grande Guerra. Entre 1941 e 1943, Manuel Lopes dedica-se à *vida* de agricultor em *Santo Antão*, na localidade de *Ribeira das Patas*, onde adquire uma experiência muito produtiva e que serviu para erigir a sua ficção realista. Tem contato direto com os dramas reais da população rural de Cabo Verde e, particularmente com as gentes de *Santo Antão*, onde predominavam a desolação, a miséria, a vida duríssima dos agricultores que mais tarde recriará na sua obra. Manuel Lopes sente-se marcado por aquela paisagem física e humana, pelas montanhas, pela escassez da água, pelo isolamento que coloca o homem cabo-verdiano perante as forças da natureza.

Por motivos profissionais é transferido em 1944, para os Açores, ilha do Faial (Horta); e em 1959, para o continente, passando, mais uma vez, e agora definitivamente, a viver na terra-longe, para ganhar a vida, vivendo e escrevendo, como se nunca tivesse saído de Cabo Verde, terra pela qual sustenta um amor incondicional.

Em março de 1936, Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes lançam a revista *Claridade* na cidade de Mindelo, projetando esta ilha como um importante centro de emancipação cultural, social, político e literário de Cabo Verde. Da revista sairão apenas nove números, entre 1936 e 1960².

O nome de Manuel Lopes e a sua colaboração são fundamentais em *Claridade*, revista simbólica e factualmente identificada com o marco iniciador da modernidade da literatura cabo-verdiana. Com esta revista dá-se uma rutura com o estilo convencional anterior, abandonam-se as temáticas e formas de preponderância romântica, por reclamação de uma escrita mais livre, centralizada na relação do homem com o mundo e, assim, nos problemas telúricos de Cabo Verde (FERREIRA, 1977, p. 35 & SEMEDO, 1995, pp. 35-36). Manuel Lopes participa ativamente neste esforço de consciencialização literária e cultural, publicando textos (poemas, contos e ensaios), que logo difundem a sua versatilidade de escrita.

² nº 1, 1936; nº 2, 1936; nº 3, 1937; nº 4, 1947; nº 5, 1947; nº6, 1948; nº 7, 1949; nº 8, 1958; nº 9, 1960.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Manuel Lopes é um intelectual multifacetado, poeta, romancista, ensaísta, com algumas investidas nos domínios da pintura, da música e da fotografia. Mas ele atinge notoriedade é como romancista e poeta, pois é um percurso que começa bastante cedo.

Manuel Lopes cedo começou a publicar textos de interesse sociocultural, destacando-se o trabalho “*Paul*”, publicado em São Vicente em 1932 que podemos considerar como sendo uma monografia autobiográfica, turística, descritiva regional, influenciada por uma passagem pelo vale do mesmo, em 1949 publica *Poemas de Quem Ficou*, em 1951 um ensaio reflexivo de feição sociocultural “Os Meios Pequenos e a Cultura”, em 1956 publica o romance *Chuva Braba*, narrativa que deixa transparecer “uma poesia esparsa, permanente, que flui de tudo”³. No âmbito dos Colóquios Cabo-Verdianos, participa em Lisboa, 1959, Centro de Estudos Políticos e Sociais, com a conferência “Reflexões sobre a Literatura Cabo-verdiana ou A Literatura dos Meios Pequenos”. Neste mesmo ano, publica a coletânea de contos *O Galo que Cantou na Baía*, e em 1964, lança um novo livro de poesia, *Crioulo e outros Poemas*, em 1968, dá à estampa o romance *Os Flagelados do Vento Leste* e, em 1973 um ensaio literário intitulado “Considerações sobre as personagens de ficção e seus modelos”.

Algumas das obras de Manuel Lopes foram galardoadas com distinções literárias importantes, *Chuva Braba*, *Galo cantou na Baía* e *Os Flagelados do Vento Leste*, com os prémios, “Fernão Mendes Pinto” (Lisboa, 1956); de novo “Fernão Mendes Pinto” (Lisboa, 1959) e, por ocasião das Comemorações, do “Meio Milénio do Achamento das Ilhas de Cabo Verde”, Lisboa, 1960, respetivamente.

Manuel Lopes ao longo dos anos participou em diversas conferências e congressos na Europa, África e América. Em 1959 participou dos “Colóquios Cabo-Verdianos” em Lisboa, no “VI Congresso Internacional de Estudos Luso-Brasileiros”, Boston e Nova Iorque, EUA, 1966, em 1986, o “Claridade”, Mindelo, ilha de São Vicente e, ainda em 1994 no “I Congresso dos Quadros Cabo-Verdianos da Diáspora”, Lisboa. Manuel Lopes escrevera também contos e artigos de crítica social e política. Deu a sua colaboração em vários jornais de Cabo Verde (*Notícias de Cabo Verde*, *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, *Ressurgimento*, *O Eco de Cabo Verde*, *O Arquipélago*). Em Portugal colaborou no *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro*, estreando-se na

³ CF. Palavras de Vitorino Nemésio na contracapa de Manuel Lopes, *Chuva Braba*, Lisboa, Edições 70, 1982.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

escrita de sonetos, *Atlântico*, *O Mundo Português*, *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, *Atividades e Estudos Ultramarinos*. O seu nome ainda figura em inúmeras antologias literárias, caso de *Poesia de Cabo Verde*, Lisboa 1944; *Antologia da Ficção Cabo-Verdiana Contemporânea*, Praia 1960; *Modernos Poetas Cabo-Verdianos – Antologia*, Praia 1961; *Poetas e Contistas Africanos*, São Paulo, Brasil, 1963; *Antologia da Terra Portuguesa – Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Macau e Timor*, Lisboa 1963?; *Literatura Africana de Expressão Portuguesa*, (Vol. 1, poesia) Argel, 1967; *Literatura Africana de Expressão Portuguesa*, (vol.2, poesia) Argel, 1968; *La poésie Africaine de Expression Portugese*, Paris, 1969; *Contos Portugueses do Ultramar*, Porto, 1969; *Literatura Ultramarina*, Lisboa, 1972; *No Reino de Caliban – Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa*, Lisboa, 1975; *Antologia Temática da Poesia 1 – Na Noite Grávida de Punhais*, Lisboa, 1976; *Resistência Africana – Antologia Poética*, Lisboa, 1975; *Contra Mar e Vento – Antologia Bilingue de Poesia Cabo-verdiana*, Taunton, EUA, 1982; *Sonha Mamãe África*, São Paulo Brasil, 1988; *Cinquenta Poetas Africanos*, Lisboa, 1989; *No Ritmo dos Tantãs*, Brasília, Brasil, 1991.

Enquanto poeta publicou em 1932 em São Vicente – *Paúl*- Descrição de um vale; *Evocação Faialense (folheto)*, Horta, Açores 1948; *Poemas de Quem Ficou*, Angra do Heroísmo, Açores, 1949; *Temas Cabo-verdianos*, Lisboa, 1950 e *Os Meios Pequenos e a Cultura*, Horta, Açores, 1951.

Nos diferentes números da revista *Claridade*, Manuel Lopes publicou alguns dos seus textos mais significativos: o poema “Écran” e uma primeira parte de “Tomada de vista”, o conto “O Galo que Cantou na Baía”, o poema “Poema de Quem ficou” (na folha de rosto da revista) e segunda parte de “Tomada de vista”, o conto “O Jamaica Zarpou” e, finalmente, o poema “Vozes” (na página de rosto da revista) e o conto “As Férias do Eduardinho”. Manuel Lopes está representado em diversas antologias em português e em inglês. De *Chuva Braba* e de *Os Flagelados do Vento Leste* existem traduções russas, ucranianas, e, desta última obra, duas edições brasileiras e uma edição francesa.

A publicação destes textos na revista *Claridade* leva-nos a destacar, em particular, as linhas dominantes de uma estética da ficcionalização da realidade e do homem, favorecendo a alma crioula conhecer a vida, os costumes, as tendências, as condições naturais, a paisagem e os problemas da terra crioula na tentativa de colocar o realismo cabo-verdiano à altura de gerar objetos literários dignos de crédito, num contexto de modernidade.

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Pensamos nós que, em Manuel Lopes, existe um projeto de conhecer e comunicar o ser, o pensar e o sentir da alma crioula. Também a denúncia de tudo o que a constrange e faz sofrer. O poeta tem consciência disso, na forma como pensa e discorre sobre os assuntos. Ele sabe que a verdadeira poesia afeta o ser e a sensibilidade de toda uma nação e impulsiona para a ação. E isso, parece-nos, não se pode negar nos seus poemas. Havia neste intelectual uma “intenção programática”, como refere Manuel Ferreira, citando Baltasar Lopes:

[...] uma das mais “urgentes” motivações de *Claridade* [revista e grupo] foi o estudo da realidade caboverdiana, com vista ao melhoramento económico e social da nossa gente, nomeadamente da que se situa nos níveis mais baixos de possibilidades. É justamente esta intenção programática que constitui o elo de ligação com as gerações subsequentes, cujo ideário, em termos de perspectivas de acção, assentava nesta mesma intenção. (Manuel Ferreira, “Prefácio”, in *Claridade*, Linda-a-Velha, id., p. XXX).

Baseados na obra de Manuel Lopes, somos levados a reconhecer que ele era conhecedor do seu papel como filho da terra e, conseqüentemente tinha uma consciência crítica e empenhadora na denúncia dos problemas que afligiam o povo das ilhas.

4.2 A Relação de Manuel Lopes com Santo Antão:

4.2.1 Secas e fomes em Santo Antão

Cabo Verde desde o seu descobrimento revelou-se como sendo um país predominantemente agrícola e, por causa disso tem sofrido com a escassez de chuvas. As ilhas são diferentes umas das outras, cada um com a sua particularidade em todos os aspetos, o que faz com que cada uma sofra de forma diferente a falta das chuvas. Santo Antão como sabemos é uma ilha tradicionalmente agrícola, onde a população depende, na sua maioria, da terra para viver, foi e tem sido alvo dessas calamidades naturais, sofrendo muito as conseqüências desse fenómeno (as mortandades, miséria) que em alguns anos quase que levaram à desarticulação da vida social e económica da mesma.

No século XX foram várias as crises que assolaram a ilha. Segundo António Carreira a primeira registada data-se de 1903 e 1904 em que teve um carácter agravante com taxas consideráveis de mortalidade. Segundo ele houve um total de 704 mortes, sendo 222 em 1903 e 482 em 1904.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra Chuva Braba de Manuel Lopes.

De 1911 a 1915 “em toda a ilha é geral a crise alimentícia, mais intensa em umas regiões do que outras, onde há verdadeira fome e se pede trabalho para angariar meios de subsistência” (Carreira, António 1984). Entre 1916 e 1918 a ilha registou uma nova crise que foi agravada pelos efeitos da 1ª guerra mundial, que fez com que houvesse uma quase ausência das embarcações nas ilhas, que normalmente eram a salvação da população em tempos de crise.

Os anos de 1921 a 1922 foram terríveis para a ilha. O ano de 1921 foi melhor uma vez que ainda havia algum dinheiro ou algo para trocar por alguma mercadoria que ainda circulava. Mas em 1922 a força das pessoas e as suas economias já estavam esgotadas.

No ano de 1921 ainda havia dinheiro, circulavam mercadorias, havia transações comerciais. Havia movimento. No ano de 1922, o movimento de famintos é menor, porque a terra já se encarregou de uns bons 2500 e a emigração vai levando o que os vapores possam comportar. (B.O. 1922, p. 72).

Nos anos de 1923 e 1924 aparecem pequenas quantidades de milho e feijão, e nem todos poderiam adquirir-los. Praticamente houve o desaparecimento do gado por falta do pasto ou por causa das doenças. De 1941 a 1943 aconteceu uma outra crise e “foi declarado «estado de crise», pela portaria nº 2280 de 19 de abril de 1941” (B.O. p.100). Em 1947 e 1948, a ilha de Santo Antão viu-se mergulhada num período de falta de chuva e numa crise generalizada, fazendo com que houvesse um aumento dos produtos de primeira necessidade. O gado e os outros recursos diminuíram drasticamente e a um ritmo acelerado. A população de Santo Antão dispunha de uma área de regadio com caudal superior ao de qualquer outra ilha, por isso poderia manter-se como socorro do Estado, relativamente as ilhas onde não havia água, segundo o (B.O. nº 48 de 29 de novembro de 1947, p.109).

A seca e as fomes desde muito cedo detiveram um papel decisivo na vida do homem cabo-verdiano, fazendo com que ele se tornasse no dizer de Daniel Spínula “extremamente crédulo, religioso e supersticioso” (VEIGA, Manuel, 1998, p.74). O homem cabo-verdiano sempre procurou forças na sua fé e esperança e, estes o ajudaram a enfrentar, suportar e ultrapassar tantas crises ao longo da sua história, e toda a sua ação foi sempre conduzida de acordo com as regras que segundo ele são ditadas por Deus. Daniel Spínola nos diz que “a credence popular diz que os anos de seca são castigos de Deus, despoletados pela maldade dos homens” (VEIGA, Manuel, p. 52).

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

O colonizador não demonstrou eficácia na reflexão das causas das sucessivas crises e providenciar soluções no sentido de minimizá-las. Carreira, diz-nos que:

com o seu conhecido sentido de improvisação no preciso momento, os portugueses, na maioria das vezes não se mostraram preparados para acautelar os efeitos das crises. Conheciam-se mal as estatísticas das produções agrícolas de emergência, assim como as quantidades que deveriam importar oportunamente a fim de colmatar as falhas sobretudo em géneros alimentícios. (CARREIRA, 1984, p. 125).

Tudo isto demonstra que o colonizador, pouco preocupava-se com a situação das populações, sempre fustigados pelos períodos de crises devidos a falta de chuva.

4.2.2 Manuel Lopes e a comunidade local – o caso de R^a das Patas

A vinte quilómetros da cidade do Porto Novo, entre o castanho da terra e o verde que ganhou a luta à desertificação e à sobrevivência, desponta o povoado de *Ribeira das Patas*, que foi um dos primeiros povoados a iniciar o processo de povoamento, datada do ano de 1750, derivado das condições naturais “abundância de água” e geográficas. Entre 1811 e 1814 esta localidade funcionou como sede da freguesia de São João Baptista, ganhando uma certa notoriedade. Nesta localidade foram implementados os primeiros estabelecimentos de ensino do Concelho.

Manuel Lopes durante as suas férias que terá passado em Santo Antão, comprou uma pequena propriedade em Ribeira das Patas e, no ano de 1939 quando a Europa e o mundo *entraram na segunda guerra, ficando desempregado por fechamento da empresa Italcable*, resolveu passar algum tempo nesta localidade. Ele viveu nesta localidade por um período de quatro anos, dedicando-se à atividade agrícola, e observador atendo dos problemas telúricos desta ilha e da localidade de Ribeira das Patas em particular.

Durante a sua estadia em Santo Antão, Manuel Lopes nada publica. Dirige a sua pequena propriedade onde cultiva milho, tabaco...e observa...: as paisagens, os camponeses, porque Santo Antão é uma ilha essencialmente agrícola que abastece a cidade do Mindelo e o Porto Grande. (HANRAS, 1995, p. 73).

Durante este tempo Manuel Lopes quase que entra num processo de aprendizagem sobre a vida do campo, ou seja, ele aprendera com os outros camponeses que o agricultor deve saber “interpretar” os sinais da natureza e esperar pacientemente para a chegada da

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

chuva. “No decorrer dos dias, Manuel Lopes descobre novas paisagens, novos costumes próprios ao povo da ilha. Outros tantos elementos que, mais tarde, encontrar-se-ão nos seus escritos.” (HANRAS, 1995, p.73).

Entre os anos 1941 e 1943, houve um período de seca e fome nas ilhas, e a ilha de Santo Antão também foi fustigada. Segundo António Carreira, neste período as ilhas terão perdido cerca de 22,4% da população. Manuel Lopes vive e observa o drama das secas e das fomes nesta ilha e nesta localidade. Este fato é comprovado na nota introdutória à 2ª edição de *Os Flagelados Do Vento Leste* em 1984:

“... É que a narração dos factos testemunhados tiveram uma acção terapêutica, ou mesmo catártica, sobre a minha sensibilidade, não tivesse o remorso passar-me na consciência de ter assistido, impávido, a um drama pungente - chamemos-lhe apenas isto (humanamente evitável, como veio a verificar-se) -, uma das periódicas catástrofes, nem pior nem melhor que as anteriores, secularmente toleradas naquele Arquipélago.”

Nesta obra Manuel Lopes explana o dia a dia do homem rural de Santo Antão, numa clara denúncia ao mundo dos problemas telúricos da ilha. As personagens de Manuel Lopes são entidades que demonstram conhecer toda a ilha de Santo Antão, percorrendo-o de *uma ponta a outra*, citando nomes de ribeiras e montanhas, onde *Ribeira da Patas* e as zonas dentro desta localidade são as mais privilegiadas, quais sejam, *Bordeira*, *Curral das Vacas*, *Chã de Lagoa*. Também há dois vales de que Manuel Lopes fala, *Ribeira dos Bodes* e principalmente o verdejante vale do *Paul*.

Manuel Lopes terá passado as primeiras férias na ilha de Santo Antão, no vale do *Paul*, em 1931. A partir desta data nutriu um sentimento pela ilha e suas gentes, adquirindo uma pequena propriedade em *Ribeira das Patas*, onde terá vivido durante quatro anos.

A ilha de *Santo Antão* e o concelho do *Porto Novo* em particular, serviu de pano de ação para quatro contos de Manuel Lopes (*No Terreiro do Bruxo Baxenxe*; *Ao Desamparinho*; *As Férias de Eduardinho* e *O Sim de Rosa Caluda*) e das duas grandes obras *Chuva Braba* e *Os Flagelados de Vento Leste*. *Santo Antão é uma ilha essencialmente agrícola*. Os camponeses vivendo nos interiores, estão ligados à terra, esperando que a chuva caia e que a terra produza em abundância para o sustento das populações.

Ribeiras das Patas serviu para Manuel Lopes como um *laboratório/observatório* dos problemas telúricos da ilha e do país. Vimos que durante os quatro anos passados nesta localidade nada publicou, limitando-se apenas a observar o quotidiano das gentes da ilha.

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Portanto *Ribeiras das Patas* serviu de âncora para que Manuel Lopes colhesse subsídios para a escrita das duas grandes obras e dos contos acima mencionados.

5. O Conceito de Identidade Cultural

A Identidade Cultural é um conceito das áreas da sociologia e antropologia, que aponta a cultura em que o indivíduo está inserido, ou seja, é aquilo que o indivíduo compartilha com outros elementos do grupo, que são as tradições, as crenças, as preferências...

Outros fatores de identidade são determinantes para que um grupo possa fazer parte de uma cultura, como por exemplo, a história, o local, a raça, a etnia, o idioma e crenças religiosas. A questão da identidade cultural é uma conceção muito tratada nas últimas décadas, mas desde os primórdios os homens se organizavam em grupos sociais, nos quais compartilhavam informações e identificações com seus membros.

Para António Perotti (1997), “Identidade é a maneira como os indivíduos e os grupos se revêm e se definem nas suas semelhanças e diferenças relativamente a outros indivíduos e grupos”. Perotti evidencia que, o termo, quando aplicado ao indivíduo, enclausura dois sentidos: o primeiro diz respeito ao “conceito de identidade”, que tem principalmente uma aceção de *disposição psicológica*. Neste caso a identidade está ligada à perceção que cada indivíduo tem de si próprio, isto é, da sua própria consciência enquanto pessoa que se relaciona com outras pessoas e, com os quais forma um grupo social (a família, as associações, e a sua própria nação). O segundo sentido relaciona-se com o fato de que a perceção de identidade não existe se não houver o reconhecimento recíproco entre o indivíduo e a sociedade. A ideia de identidade contém um aspeto subjetivo (a perceção da auto-identidade e da continuidade da própria existência do indivíduo no tempo e no espaço) e um aspeto relacional e coletivo (a perceção/ideia de que os outros lhe reconhecem essa identificação e continuidade).

Já para Stuart Hall (1999), “uma identidade cultural enfatiza aspetos relacionados à nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e/ou nacionais”. HALL na sua análise fez um foco particular nas identidades culturais referenciadas às culturas nacionais. Ele diz que uma nação é além de uma entidade política – o Estado -, ela é um

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

“sistema de representação cultural”. Por outras palavras uma nação é composta de representações e símbolos que alicerçam a composição de uma identidade nacional. Segundo HALL (1999), as culturas nacionais produzem sentidos com os quais podemos nos “identificar” e constroem, assim, suas identidades. Esses sentidos estão abrangidos em histórias, memórias e imagens que se auxiliam de alusões, de apensos para a constituição de uma identidade da nação.

Ainda na sua mesma obra HALL (1999) diz que vivemos atualmente numa “crise de identidade” que é decorrente do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas. Tais mudanças se caracterizam pelo deslocamento das estruturas e processos centrais dessas sociedades, abalando os antigos quadros de referência que proporcionavam aos indivíduos uma estabilidade no mundo social. A modernidade propicia a fragmentação da identidade. Ele diz que as paisagens culturais de classe, género, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade não mais fornecem “sólidas localizações” para os indivíduos.

Stuart Hall, (2006, p.13) destaca o carácter não fixo da identidade cultural, sendo que ela está em constante processo em razão das interações socioculturais e do intercâmbio económico e cultural no mundo globalizado. Para ele, a identidade é continuamente formada e transformada em relação às formas com que somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam e “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se provisório”. No moderno, as culturas nacionais se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural que, todavia, está exposta a constantes mudanças, já que não são impermeáveis. Para este teórico, a globalização está deslocando as identidades nacionais, em algumas vezes até começa a apagá-las. Ele explica que “(...) à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”. (HALL, 2006, p. 74).

O que existe na atualidade é o descentramento, deslocamento das identidades, com uma ausência de referentes fixos ou sólidos para as mesmas, inclusive as que se baseiam numa ideia de nação. O que o autor nos demonstra é que nos dias de hoje o conceito de identidade cultural não é um processo estático, mas sim dinâmico, uma vez que ela recebe influências externas, fazendo com que haja mudanças de hábitos e costumes nos fatores identitários de um determinado povo.

5.1 A identidade cultural cabo-verdiana

A identidade permite ao sujeito tomar consciência de sua existência, o que normalmente se dá através da tomada de consciência de seu corpo, de seu saber, de suas crenças, de suas habilidades e de suas ações, ou seja, a identidade é a tomada de consciência de si mesmo. Para que haja a tomada de consciência, é necessária que também haja diferença, a diferença em relação a um outro. É a partir do reconhecimento do outro como diferente, é que pode nascer, no sujeito, sua consciência identitária.

A identidade é constituída por meio da diferença, da relação com o outro, da relação com aquilo que não é. É através da identidade que se identificam e se distinguem indivíduos, grupos, povos e culturas. Por exemplo, a afirmação de ser cabo-verdiano traz em si uma negação, a de não ser português, brasileiro, norueguês, japonês ou outros.

Do ponto de vista histórico, desde muito cedo os nativos das ilhas de Cabo Verde criaram um ser culturalmente independente, uma sociedade e uma nação. Por outros fatores pertenciam ao espaço luso, ou seja, o espaço português, mas distinguiam dos demais residentes desse espaço, e faziam apologia da sua própria singularidade.

Nos meados do século XVII, já havia elementos comuns aos nativos das ilhas e que serviram de base para a sua identidade num todo único e culturalmente homogêneo. A presença dessas feições culturais levou a que as ilhas se distinguissem dos outros grupos socioculturais, inclusivamente dos que viviam a mesma situação colonial e no mesmo espaço português. A partir daqui foram dados os primeiros passos para a distinção entre o cabo-verdiano e o não cabo-verdiano, recorrendo-se às expressões “filhos da terra” e “reinóis”, dando forma a um trilha que desagrega “eles” e “nós”. É esta sensação de distinção que empolga e oferece igualdade ao conjunto dos crioulos que fez com que houvesse uma valorização e proteção dos interesses face ao colonizador.

Podemos dizer que a cultura cabo-verdiana é produto de um processo heterogêneo, onde as exteriorizações civilizacionais despontaram sob distintas formas. As origens da sua criação estão vinculadas a duas culturas diferenciadas: a europeia e a africana. Apesar de esses contactos e da sua origem de formação e da cultura cabo-verdiana estar intimamente conexos à origem de formação, ela afirma-se com as características próprias possibilitando a identificação da cultura e dos modelos e cânones orientadores da afirmação da identidade.

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

O processo de povoamento das ilhas foi feito com o cruzamento de grupos de pessoas oriundos de vários continentes, e a identidade cabo-verdiana é fruto dessa interseção. Este fator de cruzamento proporcionou que nas ilhas houvesse uma cultura e identidade particulares, com propriedades distintas, onde se pode encontrar constituintes como a gastronomia, o sincretismo religioso, a língua, a música, as tradições e rituais, e os hábitos da vida. Esses elementos são a riqueza da identidade e da cultura das ilhas de Cabo Verde.

Há um reconhecimento dos cabo-verdianos perante um agrupado de exteriorizações culturais de assento unificado, que permite a formação da identidade. A cultura e a identidade “uma vez apreendidas e partilhadas, as normas e valores culturais contribuem para que determinado número de pessoas forme uma coletividade particular, passível de ser reconhecida e distinguida pela sua especificidade” (LOPES Filho, 2003, p.18).

Ao longo desses cinco séculos, germinou-se em Cabo Verde uma cultura caracteristicamente original, híbrida, originária de uma mescla de hábitos e costumes europeus e africanos. “A configuração da identidade cultural do povo cabo-verdiano aconteceu ao longo de séculos de caldeamento” (LOPES Filho, 1981). As características culturais são dinâmicas e a sua base é alicerçada na lembrança do povo cabo-verdiano formada a partir de imagens e atributos do quotidiano e do passado. Os elementos e as manifestações culturais como a música, a gastronomia, a religião, a língua, a sementeira, o casamento, os rituais da morte, da harmonia e das boas convivências, contribuem para a riqueza da cultura e da identidade do homem cabo-verdiano que desde muito cedo definiu-se a partir da mista realidade, que é a africana e a europeia.

5.2 A expressão da Identidade Cultural na obra *Chuva Braba*

Quando falamos de cultura, falamos da relação do homem com o mundo, particularmente com o meio em que está inserido. Nesse meio, a língua, desde os princípios da humanidade, tem servido de auxílio ao homem na comunicação com o seu semelhante, fazendo com que haja compreensão mútua. A língua é um processo muito importante para identificação e representação social das comunidades culturalmente organizadas, ou seja, como símbolo nacional de extrema relevância. O crioulo cabo-verdiano legitima-se no contacto entre línguas, e durante o período colonial, acabando por ser uma transformação do

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

português. “A língua cabo-verdiana é, desde modo, a nossa bandeira cultural e um dos elementos mais significativos do nosso cartão de identidade.” (VEIGA, Manuel, 2002 p.7).

Ora assim sendo na obra *Chuva Braba* o autor faz uso da língua crioula na fala das personagens demonstrando a identidade do cabo-verdiano. O texto, inicia com uma marca da oralidade em língua cabo-verdiana “– Pesado c’ma pedra – “demonstrando desde logo que estamos perante um texto que irá valorizar a língua cabo-verdiana. Páginas adiante encontramos a exclamação de Zé Viola, (LOPES, Manuel, 1982 p.12) no momento em que ele se dá conta de que havia alguém a falar com Mané Quim, dizendo “Uá!”- uma expressão muito usada pelas gentes da ilha de Santo Antão. (LOPES, Manuel. 1982 p.16) encontramos outras expressões usadas por Zé Viola “- Ocê “ e “Bá’mbora” que ainda são muito usadas na ilha de Santo Antão. A mesma expressão “Uá” usada por Zé Viola (LOPES, Manuel, 1982 p.12) agora é usada por Mané Quim na p. 25. Ela é usada para expressar espanto ou estranheza relativamente a alguma coisa. Na mesma página temos a fala de Mané Quim e Escolástica, em que aquele diz que “Venho agorinha assim do padrim Joquinha” e este responde estranhando “– Agora é padrim pra’li padrim pralá”. São expressões ainda utilizadas e que valorizam a língua crioula, constituindo um fator de identidade do cabo-verdiano. Uma outra expressão idiomática é “fep”. (LOPES, Manuel, 1982 P.74) a personagem Anselmo está a falar de uma nascente e diz, "(...) Nascente de tapume ou é oito ou oitenta. C'ma suor da terra: quando chove é a primeira a rebentar, mas também quando mingua reforço de fora vai como vem, fep." No glossário “fep!” é traduzido por "completamente". Entre outras palavras e expressões curiosas e algumas com uma certa carga poética, realçamos as seguintes: “Calé”, “Codê”, “Desamparinho”, “Dias-há”, “Est’hora assim”, “Papiar”, “Riola”, entre muitas outras. Os próprios nomes e alcunhas das personagens são muito interessantes.

A língua crioula é usada muitas vezes pelo cabo-verdiano dentro e fora do país como meio de afirmação identitária. Em Cabo Verde a língua crioula desponta como uma ferramenta *social* essencial para a conceção e suporte de uma identidade étnica. Portanto o meio de difusão da cultura cabo-verdiana é o crioulo.

Uma outra marca da identidade nacional é a gastronomia, mesclando toda a particularidade na sua confeção. A base da culinária cabo-verdiana está na confeção de pratos típicos a partir do milho, do feijão, da mandioca e da batata-doce. “Devido à pobreza do solo, os cabo-verdianos fizeram proezas em transformar os escassos recursos alimentares

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

numa gastronomia particularmente rica, que orgulha a cultura nacional” (CASTRO, 2003). Assim um prato tradicional como a “cachupa” preparada a partir do milho, que desde a colonização é o principal produto alimentar dos cabo-verdianos, constitui um componente identificador do cabo-verdiano e um constituinte relevante da identidade cabo-verdiana. Na descrição da cachupa “com todos os matadores” feita pela Maria Lé, (LOPES, Manuel, 1982 p.120). Omeletes com chouriço e batatas fritas, (LOPES, Manuel, 1982 p.113). Cuscuz ao natural. Com manteiga, é claro. (LOPES, Manuel, 1982 p.122).

Em Cabo Verde devido à colonização e povoamento, a população na sua maioria é cristã, professando a sua religião através da *Igreja Católica* em simetria com as crenças populares que também fazem parte da identidade cultural do cabo-verdiano, e estão presentes na obra *Chuva Braba*. No pequeno episódio da “feiticeira” Joana Tuda “aprisionada” por causa da posição da caneca, virada de cabeça para baixo, (LOPES, Manuel, 1982 p.86). Na crença de esfregar *nagoia* nos pés das crianças preguiçosas para que elas pudessem andar mais depressa. “*Nagoia* é um bichinho d’água que faz ir menino longe”. (LOPES, Manuel, 1982 p.104) “De pequenino foi preguiçoso no andar, tão preguiçoso que nós esfregámos-lhe *nagoia* nos pés”. (LOPES, Manuel, 1982 p. 104). O “gongon” (papão)?

A sociedade cabo-verdiana se estrutura numa base moral, onde a *Igreja Católica* se assume como sendo uma instituição de saliência no arquipélago, “visto ser na igreja que assentavam as bases de toda a ordem moral e social da época” (LOPES Filho, 1996 p.180).

A crença do homem cabo-verdiano pode ser manifestada no campo religioso, através da sua fé que ele e/ou a comunidade deposita nas demais formas religiosas, mas também ele pode manifestar a sua crença noutros campos que não seja o religioso, fazendo com que a crença seja de carácter religioso e profano.

A forma inequívoca do apelo da terra/apelo à terra e a necessidade de emigração, espelha a dualidade do carácter cabo-verdiano que sintetiza a sua identidade na obra *Chuva Braba*: a indelével existência de um cordão umbilical que, raras vezes esquecido, prende o homem à sua terra, e por outro lado, o apelo constante do mar, que convida e facilita a emigração como solução para uma vida onde não há certeza de sucessos. No texto *Chuva Braba* temos a apresentação do maior dilema de qualquer cabo-verdiano – o partir ou o ficar. E é a chuva que cai, que decide o destino da personagem Mané Quim.

6. Roteiro de Análise da Obra *Chuva Braba*

6.1 Notas orientadoras do programa para a leitura da obra no 11º ano de escolaridade

O programa que vamos analisar é o da Disciplina de Português para o 3º ciclo do Ensino secundário, entrado em vigor a partir do ano letivo 2005/2006, segundo a orgânica do Ministério da Educação, integra o 11º e 12 anos de escolaridade, (Decreto-legislativo nº 13 /2018 de 7 de dezembro) estabelece o perfil de saída do Ensino Secundário que contempla várias dimensões, e dentro de cada uma há que levar em conta três prismas: o dos conhecimentos, o das capacidades e competências e o das atitudes e valores. O domínio que aqui nos interessa é o da língua portuguesa com as diferentes dimensões, quais sejam: a dimensão cognitiva, a estética e a moral.

Mas também a Lei de Bases do Sistema Educativo direciona uma vocação dupla para o ensino secundário que é a de preparar o aluno para prosseguir os estudos e o de lhe proporcionar uma adaptação à sociedade, no sentido de o preparar para o desempenho de atividades sociais e também na possibilidade de ter uma qualificação profissional que normalmente é adquirida na via técnica.

No que toca à matéria do programa acima referido, mais precisamente no 11º ano de escolaridade, no quadro dos saberes encontramos uma proposta de estudo do texto literário e do texto não literário, mas não existe nenhum saber-fazer nem propostas de atividades para os saberes sugeridos. A nossa proposta aqui é que seja acrescentado, no quadro de saber-fazer, por exemplo, “fazer a diferença entre texto literário e texto não literário”, e nas propostas de atividades “leitura de um texto literário e não literário com a finalidade de identificar as suas diferenças”. Da mesma forma que não há uma clareza relativamente às sugestões de atividades na análise da estrutura externa e interna do texto literário proposto no quadro de saberes e de saber-fazer, porém, logo a seguir há a proposta de leitura extensiva, o que nos leva a deduzir de que este saber esteja ali implícito. Pensamos nós que esta proposta de “leitura extensiva” deveria aparecer logo no quadro do saber-fazer e de uma forma mais explícita.

Do nosso ponto de vista, essa sugestão de leitura deveria direcionar-se para componentes distintas de análise textual. A título de exemplo, em vez de uma leitura extensiva para informação, fazer alusão à leitura para análise da estrutura interna e externa

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

do texto, que necessariamente passará pela pré-leitura e leitura descoberta, sendo que a outra proposta de leitura, a metódica, serviria para consolidar a pós-leitura. Com esta proposta estaremos a estimular a *competência literária* do aluno, que fica confundida com as propostas de leitura incipientes delineadas pelos autores do programa em apreciação. Relativamente à intertextualidade sugerido no quadro de saber-fazer, não se percebe de que modo se vai trabalhar esta matéria se os textos não são sugeridos. Assim podemos concluir que as sugestões metodológicas da aprendizagem da leitura são insuficientes para fomentar a competência literária do aluno.

Podemos ainda verificar que as duas propostas de atividades sugeridas, “leitura metódica para elaboração de síntese/resumo, fichas de leitura, listas bibliográficas; aquisição das regras de elaboração de comentário e leitura extensiva para informação e alargamento dos conhecimentos” não nos parecem bem organizadas. A nosso ver, a leitura extensiva deveria vir antes da leitura metódica, uma vez que, primeiro explora-se toda a informação relativa ao texto na leitura-descoberta, e de seguida, aplica-se as atividades sugeridas na leitura metódica, que nos parecem ser de pós-leitura.

Na página três do programa em causa, nas sugestões de atividades, no exercício relativo à “análise textual para identificação de tema, divisão do texto em partes” parece-nos um pouco limitado para o entendimento geral do texto narrativo, embora esteja acompanhado de atividades relacionadas com a intertextualidade, com o conhecimento dos recursos estilísticos e de regras do funcionamento da língua. Encontramos um saber-fazer que é traçado “identificar as categorias”, mas não está devidamente explícito no quadro de sugestões de atividades relativas às categorias da narrativa, de forma a estimular uma linha de leitura mais extensa. Parece-nos que sugerir tal saber-fazer somente a nível de identificação textual torna-o uma tarefa limitadora. Neste sentido a nossa proposta seria “identificar e analisar as categorias da narrativa”, “propor que o aluno se coloque na posição das personagens e posicione mediante questões de natureza comportamental” e “acrescentar outros saberes de análise textual”, de modo a *gerar aprendizagens significativas* no aluno, no quadro de saber-fazer, e também fazer os ajustes essenciais no quadro das sugestões de atividades. Essas propostas servem para favorecer a formação cultural e cívica do aluno, a partir da leitura literária.

No ensino secundário, os alunos deveriam ter oportunidades para desenvolver a sua capacidade oral e escrita em Língua Portuguesa através de suportes e de metodologias

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

adequadas a um ensino desta língua. Os alunos terminariam o ensino secundário com uma base sólida em termos de comunicação oral e escrita em Língua Portuguesa, que lhes permitiria interpretar, analisar e organizar a informação nessa mesma língua e ainda comunicar, utilizando diferentes registos de língua em diferentes situações comunicativas.

Sobre este assunto Levy Medina diz:

Os programas do ensino secundário durante muito tempo se limitaram simplesmente a uma listagem de conteúdos de natureza gramatical e temático. Os conteúdos temáticos não tinham em conta a realidade do aluno. Eram temas de natureza sócio-cultural e histórico-literária que eram trabalhados nos manuais dos alunos, na base de compilação de textos extraídos de obras literárias de autores dos diferentes países de Língua Portuguesa. Praticamente, o professor se limita, na sala de aula a materializar a listagem de conteúdos elaborada a partir do programa. Assim, a prática do ensino da Língua Portuguesa se concentra apenas na sistematização dos conteúdos linguísticos, nas leituras de textos, no tratamento de alguns temas orais e/ou escritos. Isso poderá dar ao aluno alguma competência linguística, faltando-lhe a competência comunicativa. Ou seja, o aluno termina o ensino secundário sem o nível proposto nas modalidades de uso da língua, nomeadamente, ouvir, falar, ler e escrever. (MEDINA, 2004, pp.6/7).

Cumpre-nos finalmente comentar que os programas de língua portuguesa para o segundo ciclo do ensino secundário carecem de uma reforma no sentido de clarificar aspetos relativos a obras que devem ser trabalhadas, principalmente no décimo primeiro ano de escolaridade, em que a obra *Chuva Braba* deve ser introduzida como sendo obrigatória, no sentido de levar o aluno a conhecer aquilo que foi o real social das ilhas e, do forte contributo que este autor e a sua obra deram para o afirmar da nossa identidade cultural e literária, e também devem introduzir mais atividades relativas à língua, pois notam-se poucas propostas neste sentido. Sabendo que a leitura do texto literário é um instrumento importante para o desenvolvimento da língua, os programas não poderiam descurar este propósito.

6.2 Introdução à leitura de chuva Braba

6.2.1 Resumo da obra *Chuva Braba*

Chuva Braba foi publicado pela primeira vez em 1956 pelo então Instituto de Cultura e Fomento e, como já se disse, é da autoria do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes, nascido no ano de 1907.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

A narrativa da obra *Chuva Braba* centra-se na vida da personagem Mané Quim, que assume o papel de personagem principal e a luta que ele enfrenta diariamente para tentar ultrapassar as dificuldades intrínsecas ao afastamento provocado pela condição de insularidade e pela miséria, consequências das secas cíclicas. Esta personagem vê-se agoniada por uma série de conflitos interiores, ao mesmo tempo que é detentora de uma grande intensidade dramática que se vai aprofundando à medida que se aproxima do desfecho final.

Mané Quim que havia aceitado pacientemente o seu quotidiano, na ilha que o viu nascer, Santo Antão, de um momento para outro ele é “perturbado” pelo convite para ir ao Brasil com o padrinho “Nhô Joquina”. A partir deste momento Mané Quim vê-se perante um convite que lhe abre as portas para outras latitudes e com a possibilidade de mudar de vida, segundo as palavras do padrinho “feliz de quem encontra um caminho longe para fugir atrás da chuva que fugiu das ilhas” (*Chuva Braba*, 1982 p.13); ou “isso nunca foi futuro para ninguém. Futuro não é marcar passo...te estudei bem, teu futuro está lá fora” (*Chuva Braba*, 1982 p. 14).

Mané Quim fica dividido entre dois sentimentos antagónicos que assentam na dicotomia querer partir e ter que ficar. A base do conflito interno que move esta personagem é que move grande parte da população das ilhas ainda nos dias de hoje. Ele pensa inevitavelmente na sua mãe “Nhá Joja” que ficará sujeita ao abandono se ele partir, no seu grande amor Escolástica e, principalmente, na sua “terra amada” *Ribeirãozinho*.

A partida de dois irmãos, os quais nunca deram notícias, alimentou em Mané Quim a esperança de poder trabalhar um cantinho de terra bendita contendo um exíguo regadio, no *Ribeirãozinho*, fazendo fé nas palavras de esperança de chuva ditas por Nhô Vital, o lunário. Este sonho é também alimentado pela paixão que a cada dia crescia por Escolástica e, que é desestabilizado pelo convite feito pelo padrinho. Ele procura aconselhar-se com a mãe, que tem as suas mágoas por causa da partida dos dois filhos que nunca deram notícias, mas consciente de que aquele espaço não prometia um futuro risonho para o filho, e tem a fé de que Deus é quem determina o destino das pessoas e das coisas.

Mané Quim pondera entre o convite que lhe foi feito e as palavras de Nhô Vital e de Nhô Lourençinho que lhe dizia que deixar a terra é perder a alma. O narrador vai cativando a atenção do leitor, sempre com a expectativa de conhecer o desenlace final, ou se o protagonista partirá ou não, se perderá ou não a alma. O desfecho final vai sendo adiado por

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

sucessivos acontecimentos, com destaque para a destruição da sua propriedade. Mané Quim foi abrindo a alma à possibilidade de partir, resistindo à voz que lhe vinha do interior e que o convidava a ficar, como recurso para lutar contra a miséria em que vivia.

No final Mané Quim não resistiu ao chamamento da terra que contém a componente espiritual e humana encorpada pelas raízes. Com a vinda da chuva na noite em que já se encontrava em Porto Novo, pronto para viajar com o padrinho, viu-se impedido de partir, e obrigado a regressar à sua propriedade em *Ribeirãozinho*.

6.2.2 O autor e seu tempo Manuel Lopes, a Claridade; depois da claridade

O autor Manuel Lopes, escritor em destaque no nosso trabalho, foi pioneiro na tão desejada viragem de atenções para o real social das ilhas de Cabo Verde, segundo Brito Semedo:

Recordamos que o trio de fundadores do **Movimento da Claridade** e da moderna literatura cabo-verdiana – Jorge Barbosa, Baltasar Lopes e Manuel Lopes – cujo marco histórico é o terceiro mês do ano de 36, tiveram como propósito retratar Cabo Verde, não de forma mitológica, como faziam os poetas do século passado, mas interpretando a realidade e o drama do povo das ilhas. Ao fincarem os pés no chão das ilhas para poderem pensar os problemas de Cabo Verde, aqueles escritores legaram (os dois últimos) a posteridade três romances: *Chiquinho* (1947), *Chuva Braba* (1956) e os *Flagelados do Vento Leste* (1960); e (o primeiro) três livros de poesia: *Arquipélago* (1935), *Ambiente* (1941) e *Caderno de um Ilhéu* (1956). (SEMEDO, 1995, p. xvii / xviii).

Podemos considerar este *propósito de retratar Cabo Verde* como um despertar de atitudes dos intelectuais da época para tomarem consciência da pura realidade das ilhas, lançar um grito de alerta sobre os problemas telúricos das ilhas e tratar o assunto de forma conveniente, ou seja, criar uma literatura com motivos cabo-verdianos, que bebesse nos problemas das ilhas criando um marco distintivo, ou seja, criar uma cultura e uma identidade próprias, capaz de retratar a maneira de ser, de estar e de agir do homem cabo-verdiano.

Manuel Lopes manifestou nos idos anos 30, do século passado, o desejo de haver uma mudança de atitude relativamente às temáticas experimentadas pelos escritores cabo-verdianos da época.

Manuel Lopes manifestou nos idos anos 30, do século passado, o desejo de participar de uma mudança de atitude relativamente às temáticas experimentadas pelos escritores cabo-

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

verdianos da época. O autor chegou mesmo a escrever um artigo com o título “A Mocidade Cabo-verdiana” onde chegou a lançar este desafio aos colegas: “Que tem feito a Mocidade até hoje dependente do seu ideal máximo, do seu esforço quer material quer intelectual, da sua inteligência, e em proveito da coletividade...?” in *Notícias de Cabo Verde*, 1931. Segundo Manuel Ferreira, o desafio por ele lançado, foi aceite pelo colega Jorge Barbosa “...respondeu em carta a esse apelo, declarando-se de inteiro acordo com os propósitos do seu conterrâneo em procurarem um novo caminho: o caminho da cabo-verdianidade.” (FERREIRA, 1959, p. 40). A partir desse momento estavam lançadas as bases para o surgimento da cabo-verdianidade, ou seja, para o nascimento de uma literatura com motivos reais perante os problemas telúricos das ilhas. Manuel Lopes promoveu uma literatura cabo-verdiana com um firme convicto de que a partir daquele momento as temáticas tinham que integrar os verdadeiros motivos do homem das ilhas, ou seja, pugnavam agora por dar vez e voz ao povo das ilhas. Vejamos:

Com a literatura cabo-verdiana pretende-se evocar a coligação de forças culturais que, há pouco mais de vinte anos, se impuseram de encarar de frente os problemas locais do homem e da terra, e o diálogo que, de então para cá, poetas, ficcionistas, ensaístas, têm mantido com o homem real, com a paisagem viva de Cabo Verde – o homem com os seus hábitos, seus costumes, suas crendices, seus dramas – e a terra com as suas vicissitudes e contingências plurais e seus problemas específicos. (...) Quando falo de literatura cabo-verdiana, refiro-me à literatura de expressão e motivos cabo-verdianos, à literatura que traduz a sensibilidade e a idiossincrasia do povo daquele Arquipélago, e não a essa epidemia que prolifera em toda a parte, e que, por não ter as raízes fincadas na carne e não se embeber no próprio sangue, não é pertença de nenhum povo. (...) uma coisa é literatura em Cabo Verde, e outra é literatura cabo-verdiana. (LOPES, Manuel, 1959, p. 14-15).

Neste caso podemos dizer que para Manuel Lopes uma verdadeira literatura cabo-verdiana era aquela produção que pode ser ficcional ou não e que esteja totalmente voltada para os temas ou problemas de Cabo Verde. A produção literária de Manuel Lopes é caracterizada sem sombra de dúvidas pelo seu lado humano, uma vez que se preocupa com o homem das ilhas, com o que as ilhas têm e podem dar. O apelo que ele fez aos seus colegas nada mais foi do que um apelo telúrico unicamente voltado à terra e ao homem.

Nas palavras do autor a revista claridade surgiu da seguinte forma:

Simples. Um grupo de amigos pensou que se deveria criar uma revista que permitisse romper com a tradição clássico-romântica de motivos alheios à nossa realidade. Tínhamos matéria-prima que estimulava a nossa independência cultural. A tarefa era, portanto, fincar os pés na terra, pensar

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Cabo Verde, sentir Cabo Verde. Impunha-se aproveitar a matéria-prima local que os séculos de relativo abandono permitiram criar e conservar, urgia essa consciencialização. (LABAN, 1992, pp. 83/84).

Aos homens da *Claridade* cabia a árdua tarefa de investigar as origens, conhecer bem a vida das ilhas, compreender a insularidade em todas as suas vertentes e amparar a ideologia da revista que era de fincar os pés na terra. Manuel Lopes defendia que se deveria escrever Cabo Verde e não sobre Cabo Verde como tinha vindo a acontecer até antes do aparecimento da revista. O objetivo primordial era romper com a estética europeia e criar uma estética verdadeiramente cabo-verdiana que servisse como âncora para a cabo-verdianidade. Assim esperava-se que esses homens pensassem o problema de Cabo Verde e redescobrissem a própria realidade das ilhas. “...com a publicação do número da revista *Claridade*, Cabo Verde, que já tinha uma música própria, um idioma, uma dança e uma culinária próprios, passou a ter também uma literatura própria. Uma literatura com características inconfundíveis.” (LOPES, Manuel, 1959, p.15).

Manuel Lopes foi o primeiro diretor da revista *Claridade* e da qual foi lançada o seu primeiro número em março de 1936. Da revista saíram nove números até o ano de 1969. Ao longo deste tempo houve muitas paragens “As interrupções foram muitas até à paragem final. Acho que um colapso (sofrido pela revista) ... vem provar que ‘*Claridade*’ tinha vida de gato. Repare-se que entre o colapso mais curto (oito meses) e o mais longo contam-se precisamente sete, sofridos por essa revista, sete vidas para lá das quais o gato já não ressuscitará (...)” (LOPES Filho, 1984, p.18).

Pode-se afirmar que a revista *Claridade* se destacou numa época em que uma geração de autores que se colocaram ao dispor das ilhas para retratar os seus problemas telúricos, deixando a sua marca que se mantém até os nossos dias. O objetivo maior da revista e dos seus autores era o de recuperar e revalorizar a identidade cabo-verdiana, fazendo uso exclusivamente do panorama das ilhas dos anos trinta, renovando e rompendo a postura existente e que não ia ao encontro da realidade que se pretendia descrever.

Como já foi dito o propósito da revista *Claridade* era de «fincar os pés na terra», isto é, levar o homem cabo-verdiano a ficar nas ilhas, negando o evasão e extrair da terra o seu sustento. Manuel Lopes nas suas obras fez jus ao propósito da *Claridade*, defensor do ficar apostando na terra, marcando assim uma ligação telúrica. Na obra *Chuva Braba*, Mané Quim é considerado o protótipo do cabo-verdiano que se recusa a sair, apostando na terra,

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

demonstrando um forte apego a um chão que é seu. Na obra *Os Flagelados do Vento Leste*, Manuel Lopes reproduz um flagelo devastador causado pelas crises na década de quarenta, onde retrata a fome e conseqüentemente a miséria que assolava as ilhas e em particular a ilha de Santo Antão. É ele próprio a confirmar isto: “Em 1942 deu-se a terrível estiagem, a mesma que tentei (...) reproduzir nas páginas d’*Os Flagelados do vento Leste*”. LABAN, (1992, p. 81).

A revista *Clareza* apresentou uma produção literária humanizada, que se distinguiu pela autenticidade e originalidade em relação àquilo que era produzido até a data da sua publicação, e nas obras de Manuel Lopes ele dá voz ao que de mais importante e único há no espírito da cabo-verdianidade, que é o homem e a sua terra.

As obras de Manuel Lopes revelam que ele foi um notável observador da realidade das ilhas, retratando fielmente o real social de um quotidiano das ilhas, (no caso de *Chuva Braba* e *Os flagelados do Vento Leste* que particularizam a ilha de Santo Antão), uma dura realidade que nem a história pode negar. Michel Laban considera a obra de Manuel Lopes como sendo um «testemunho sociológico» da realidade das ilhas. Na sua entrevista com o escritor, Michel Laban pergunta-lhe:

Considera que os seus romances poderiam ser vistos como testemunhos sociológicos? Manuel Lopes Responde: perfeitamente. Esforcei-me por traduzir, sem *partis-pris*, sem deformações ideológicas ou outras, a realidade que vivi – observei. Recebo lições do real através da vivência e da observação. As minhas narrativas são testemunhos sociológicos, que o são sem a intenção de o ser, são apenas transparentes na sua simplicidade e objetividade. (LABAN, 1982, pp. 92-93).

Há nas obras de Manuel Lopes um vaguear de personagem de uma obra para outra. No conto publicado pela primeira vez no número quatro da revista *Clareza* em 1947, intitulado *O Jamaica Zarpou*, continha enredo e personagens daquilo que viriam a constituir a obra *Chuva Braba* e, podemos considerar que é essa chuva que fez com que Mané Quim não viajasse para o Brasil, que inicia o capítulo da obra *Os Flagelados do Vento Leste*.

6.2.3 Manuel Lopes e a ficção

O vocábulo *ficção* vem do latim *fictione* (m), que por sua vez derivou-se de "fingere", e significa *ato ou efeito de fingir, imaginar, simular*. Encerra, portanto, a ficção, o próprio núcleo do conceito de Literatura: «*literatura é ficção*». Neste caso,

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

qualquer obra literária (conto, romance, novela) constitui a expressão dos conteúdos da ficção.

A literatura de imaginação ou de criação é a interpretação da vida por um artista através da palavra. No caso da ficção (romance, conto, novela) essa interpretação é expressa por uma história, que encorpa a referida interpretação. É, portanto, literatura narrativa. O substancial da ficção é, pois, a narrativa. Podemos dizer que é a sua espinha dorsal, que corresponde ao antigo instinto humano de contar e ouvir histórias. Mas nem todas as histórias são arte. Para que tenha valor artístico, a ficção impõe uma prática de arrumação e apresentação que comunicará à narrativa beleza de forma, estrutura e unidade de efeito.

A ficção é produto da imaginação criadora, embora, como toda a arte, as suas raízes mergulhem na experiência humana, e isto faz com que ela se distingue da história e da biografia que são narrativas de factos reais. Mas o que distingue das outras formas de narrativa é que ela é uma transfiguração ou transmutação da realidade, feita pelo espírito do artista. A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, uma revisão.

A ficcionalidade pode ser gerada em termos de intencionalidade, ou seja, o critério que possibilita verificar se um determinado texto é ou não uma obra de ficção está nas intenções do autor. De acordo com SEARLE, 1982, p.109, conforme citado por REIS e LOPES, 2002, p.160 não se verificando “propriedade textual, sintática ou semântica que permita identificar um texto como obra de ficção”.

Manuel Lopes num intervalo temporal de quatro anos publica três obras, o que bastaria para que o seu nome ficasse gravado na história da literatura cabo-verdiana e portuguesa. No ano de 1956 publica a obra *Chuva Braba*, em 1959 publica o livro de contos *O Galo que Cantou na Baía* e *Os Flagelados do Vento Leste* no ano de 1960.

A grandeza dessas obras fez com todas elas fossem premiadas. O prémio Fernão Mendes Pinto para as obras *Chuva Braba* e *O Galo que Cantou na Baía* e o prémio Meio Milénio do Achamento de Cabo Verde para a obra *Os Flagelados do Vento Leste*. Nessas obras quase toda a temática está relacionada “sempre com o mar ou a ilusão do mar à volta e das secas”. O distanciamento de Manuel Lopes com a terra natal, fez com que ele conseguisse abordar com humanidade e sentido estético, a luta dos seus

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

conterrâneos contra a seca e a miséria em S. Vicente e com mais evidência em Santo Antão.

Nas personagens de Manuel Lopes centra uma afirmação que traduz o real social dos homens das ilhas de Cabo Verde e que está relacionada com a solidariedade que deve ser entendida e percebida para que o cabo-verdiano incute na sua personalidade que é necessário prosseguir a lutar pela sobrevivência dos homens e das próprias ilhas. Na obra *Chuva Braba* encontra-se quase que uma realidade ficcionada de existências, situações e realidades, palpáveis e concretas.

Trata-se, como diz o próprio autor de uma:

“...transmutação dos modelos correntes da vida quotidiana em personagens. Dessa complementaridade renascem os elementos basilares das minhas modestas criações: figurantes, intriga, paisagens, em que sonho e vivência não se traem, mas exaltam-se na reivindicação do que transcende a vulgar existência quotidiana, fiéis sempre às experiências da minha sensibilidade” (LABAN, Michel, “Encontro com Manuel Lopes” 1992, p. 66).

A força criativa de Manuel Lopes transforma as suas personagens, partindo sempre de uma base sustentada no real, no quotidiano típico e característico de Cabo Verde. Todas elas são resultado, unicamente, da perceção e compreensão que o autor faz da realidade das ilhas. Todas elas são, como o próprio afirma, “...produto, insisto, dos resíduos deixados no nosso mundo afetivo pelas observações que, direta ou indiretamente, nos afetaram...” (LABAN, Michel, “Encontro com M. L.” pp.66-67).

E esses resíduos referem-se às imagens e aos acontecimentos concretos que estão sempre relacionados com a história das ilhas e das condições extremas vividas ao longo dos séculos.

Da parte do autor há uma certa estima para a representação da classe rural, ou seja, o homem personagem do campo, uma vez que é aqui que o apego à terra está mais marcado. Nas suas produções ficcionais, ele marca esse apego à terra, e também os da sua geração tentaram valorizar, virando o enfoque literário cabo-verdiano para o propósito que pretendiam concretizar com todo o movimento de Claridade que era o de fincar os pés na terra e valorizar tudo o que era cabo-verdiano, enfim, dar voz à terra que ansiava por um ensejo de pedir auxílio aos próprios filhos para que o contínuo abandono fosse prensado por uma nova aposta, ou seja, o de ficar.

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

O autor sentiu a necessidade de dar primazia à voz daquele que representa exatamente, o apego, a fidelidade, a incontornável comunhão com o seu solo, a fé inabalável num chão em que o homem do campo, o agricultor, a classe rural é a mais representativa “...tento, bem assim, chamar a atenção para o tipo representativo da classe rural em que o sentimento de apego à terra é a característica mais marcante – mesmo em condições extremas ...” (LABAN, Michel, “Encontro com Manuel Lopes”, pp.69/70). Demonstrando claramente que ele se preocupava com os problemas telúricos dos homens do campo em particular e do cabo-verdiano no geral.

Os romances de Manuel Lopes estão traduzidos em francês e russo, e a obra *Os Flagelados do Vento Leste* teve uma adaptação cinematográfica em 1987 dirigida por António Faria.

6.3 Estrutura da Narrativa – Breves Notas

6.3.1 O narrador e o autor

Falar do narrador e do autor, implica dizer que existe uma relação entre essas duas entidades. Sendo assim, o autor é uma entidade real ou empírica, enquanto que o narrador é o chamado do autor textual, uma entidade fictícia a quem no cenário da ficção cabe a tarefa de enunciar o discurso. É uma personalidade criada pelo autor, e é encarregado de fazer a apresentação dos discursos.

Sobre este assunto Carlos Reis diz-nos o seguinte:

“o autor pode projetar sobre o narrador determinadas atitudes ideológicas, éticas, culturais, etc., que perfilha, o que não quer dizer que o faça de modo direto e linear, mas eventualmente cultivando estratégias ajustadas à representação artística dessas atitudes: ironia, proximidade relativa...” (REIS, 2001, p.354).

Ou seja, a relação entre o autor/narrador dá-se pelas opções técnico-literárias do autor, podendo-se transmitir ao narrador algumas ideologias, cabendo-lhe a tarefa de enunciar os discursos e essas ideologias. O autor tem o papel de delimitar aquilo que o narrador diz. O autor tem o papel de produzir o texto e o narrador é aquele que fala por ele.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

O narrador ganha a sua autonomia na enunciação do discurso. A única relação existente entre os dois conceitos é no ato da comunicação literária e a determinação dá-se através da análise do texto. O que podemos constatar é que o autor e o narrador estão em níveis diferentes. O narrador/ autor textual tem a finalidade de enunciar o discurso, mas muitas vezes manifestando-se de forma oculta, ou seja, ele está implícito, manifestando-se através dos deícticos e as referências espaço-temporais:

As mãos passaram, repassaram; os dedos, dedos ásperos – grossos dedos calosos de homem – violentavam-na; arrancavam palpitações que a percorreram toda como as ondulações concêntricas que os bruscos toques das caudas das libélulas produzem aqui e ali na superfície dum charco aparentemente adormecido (*Chuva Braba*, 1982, p. 43).

Podemos notar que há referências temporais e espaciais como “aqui”, “ali” e ainda temos “...na superfície de um charco”. O narrador tem a preocupação de descrever os acontecimentos, estando oculto, isto é, aparentemente é como se ele estivesse observando aquela cena, não está ausente do texto.

Na obra *Chuva Braba*, o narrador demonstra estar implícito, no entanto encontra-se por dentro e por detrás de todos os acontecimentos do texto. Como constatamos na seguinte passagem:

A primeira vez que ouvira isso, uma tardinha, havia anos, fugira a bom fugir como que perseguida por gongon. Era afinal uma bananeira parindo. Ah! uma bananeira parindo! As bananeiras gemem de parto como as mulheres. Soltam gritos de dor também quando deitam filhos ao mundo. Pôs-se a enxugar o corpo nervosamente esfregando o pano com frenesi. Sentia a aspereza dos dedos através do lençol. Os bicos dos seios, ao contacto das suas mãos masculinas, começaram a palpitar, tornaram-se sensíveis e dolorosos como duas feridas abertas... (*Chuva Braba*, 1982, p.44).

Na transcrição acima, podemos observar que o narrador está presente e que também temos a presença do autor, no momento em que ele disse “a primeira vez que ouvia isso uma tardinha, havia anos, fugira a bom fugir como que perseguida por gongon”, nota-se que aqui existe uma presença de uma entidade real, logo a do autor, e também temos referências ao tempo “tardinha”.

Também podemos notar uma outra relação entre o autor e o narrador, porque o autor escreve e o narrador enuncia no texto, mas este narrador está muito presente e conhece bem as personagens do texto: “A exploração da nascente representava para ele a reabilitação

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

quase imediata dum velho sonho, a satisfação de uma doentia e solapada curiosidade. Seria, enfim, a reabilitação da sua vida de homem na terra...” (*Chuva Braba*, 1982, p.56). Conhece bem as personagens, ao ponto de saber a realização da vida futura deles. É um narrador onisciente, conhece e sabe tudo sobre as personagens.

Na obra *Chuva Braba* existe uma relação entre narrador e as personagens. O narrador tem um certo conhecimento das personagens, o que facilita o entendimento do texto, bem como as relações entre as personagens, sendo elas o produto da imaginação do autor, procurando através delas relatar a realidade.

Esta ligação entre o narrador e as personagens torna o texto mais dinâmico:

Antigamente era tudo regadio. Um batalhão de regos e por aí abaixo, quase toda a chã. Joquinha olhou a roda de si. “Que impressão nos fica na alma” pensou “a gente procurar o passado nas casas onde outrora vivemos, nos companheiros com quem compartilhamos a infância e a juventude, no ambiente que nos envolveu – e não encontramos na ruína e decadência. Não só aquelas ruínas que são a ordem natural das coisas.... - já contamos com elas, o mundo não permanece sempre o mesmo....” (*Chuva Braba*, 1982, p. 97).

Assim como existe uma relação entre o narrador/ autor, o narrador e as personagens, também encontramos uma relação entre as personagens e os leitores, que conhecem a realidade. Segundo HANRAS:

“Quando o leitor do romance se convence de que esta passagem por exemplo, é copiada daquele modelo real, ou, maliciosamente, não se deixa “logar” acreditando no poder inventativo do leitor, está assumindo, intuitivamente, uma atitude opinativa em relação, a um problema de grande interesse” (HANRAS, 1995, p. 375).

O leitor tem um papel fundamental na narrativa para a compreensão da história. Nesta medida pode-se dizer que existe uma relação entre as personagens e os leitores onde, em algumas circunstâncias, as personagens identificam-se com pessoas reais. Na obra *Chuva Braba*, o autor admite que algumas das personagens são reais. Ou seja, o leitor conhecedor da realidade representada, é também um leitor atento, pode facilmente relacionar-se com a realidade representada e dialogar com o texto. Parafraseando SILVA, 2001, este leitor assim configurado é um leitor ideal ou um leitor modelo, uma entidade teórica construída por um escritor – “mesmo quando, como no caso de Flaubert, é modelada em conformidade com uma personalidade historicamente existente” -, faz parte da poética implícita ou explícita desse mesmo autor.

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

No texto o *leitor* tem um papel fundamental, porque o autor na construção do texto sempre leva em conta o seu público alvo. A sua relação com as personagens dá-se no momento em que o leitor consegue emitir juízos, isto é, quando consegue colocar-se no lugar das personagens. Neste caso na obra *Chuva Braba*, a personagem Mané Quim é típica de um homem do campo cabo-verdiano, e logo que o leitor lê a obra consegue colocar-se no lugar desta personagem.

Embora a relação entre o autor/narrador seja um processo complexo, pode-se dizer que para se concretizar é preciso haver uma relação texto/autor/narrador e narrador/personagens, bem como personagens/leitor, e dá-se mediante as circunstâncias do texto escrito. Na obra, podemos constatar que estão patentes essas relações, visto que o narrador do texto está presente. Ele consegue acompanhar todos os acontecimentos no texto, bem como o evoluir das personagens.

Na própria obra o narrador diz: “o que garanto é que com estas terras, nos tempos de seca que estão correndo, não se tira proveito nenhum” (*Chuva Braba*, 1982, p. 64/65), assim podemos concluir que o narrador conhece o tempo bem como as irregularidades temporais predominantes no espaço, neste caso na ilha. É de se concluir que o narrador está por dentro de todos os acontecimentos e que tem uma ideia clara destes.

6.3.2 As personagens

O texto literário/narrativo é escrito em prosa ou em verso, mas o seu objetivo principal é narrar os acontecimentos, uma recordação, um episódio, uma história, uma experiência vivida que pode ser verdadeira ou verossímil. Por conseguinte, tem de haver quem sustente a ação, neste caso as personagens. Ela é uma entidade ficcional, dotada de um retrato físico e psicológico.

Segundo Carlos Reis e Ana Cristina Lopes:

“A personagem é uma das categorias fundamentais da narrativa, ela evidencia a sua relevância em relatos de diversas inserções sociocultural e de variados suportes expressivos...é à sua volta que gira toda a ação e é em sua função que se organiza a narrativa” (REIS & LOPES, 2000, p. 315).

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

No âmbito dos estudos literários as ações das personagens refletem na sua própria evolução, ou seja, a sua evolução está associada aos géneros literários e às suas categorias. Na narratologia o conceito de personagem teve a sua recuperação com a ideia de que

“... a personagem é uma entidade difusa de significação, construída progressivamente pela narrativa. Uma personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela faz”. (REIS & LOPES, p. 315).

As personagens são seres imaginários, criadas no texto pelo autor, dialogam, atuam e participam na história. A personagem é a entidade que está sujeita a alguns procedimentos que determinam a sua ficcionalidade e peso específico no relato da história. Segundo Roland Barthes, “sem as personagens não existe narrativa”, uma vez que a função e o significado das ações ocorridas numa sintagmática narrativa dependem primordialmente da atribuição ou da referência dessas ações: há uma personagem ou há um agente.

A obra *Chuva Braba* é um romance, que como já vimos aborda questões ligadas à seca, à falta de chuva, e ao dilema entre o partir/ficar. A obra relata uma luta constante em busca de sobrevivência. Segundo Baptista as personagens dessa obra reúnem-se num sistema, mas a intervenção que são chamadas a assumir em cada momento da narrativa, condiz habitualmente com aquilo que delas o leitor poderia esperar. Este romance, à semelhança dos outros textos desta categoria, possui um número considerável de personagens de entre as quais temos:

- **Mané Quim** - é o protagonista da história, ou seja, tem um papel fundamental, é à volta dele que toda a ação se desenrola. Ele representa na obra o homem telúrico, o típico homem cabo-verdiano, um camponês que só se sente feliz na sua terra, e trabalhando duro para ver os seus problemas resolvidos. Como podemos notar, a proposta do padrinho repete-se ao longo da obra sobre a qual ele mostra uma certa contrariedade, mostra uma certa indecisão, porque desde o começo com a proposta do padrinho, ele sente-se indeciso. Ele possuiu a qualidade de proteger, conservar e de possuir a terra. A terra para ele era a força, a ela se sente fixado e considera-a como um território estável. Identifica-se com a terra e com a natureza.

Também aparenta-se um pouco tímido em relação ao amor que sente pela Escolástica, em nenhum momento consegue declarar-se. Amando essa rapariga, mostra-se um rapaz que tem muita fé e acredita na mãe, para ele a resposta dela é tudo. Segundo a mãe,

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Mané Quim é o responsável pelos trabalhos de casa, considera-o como o homem de casa, o chefe da família, embora seja o filho mais novo da mãe, demonstrava uma capacidade de liderança no seio da família, o que provoca ciúme ao irmão mais velho, Jack, que se sente inferior em relação ao irmão.

- **Nha Joja** - a mãe de Mané Quim, era velha e magrinha. Tinha um ressentimento do passado da morte do seu marido, e dos filhos ausentes, pela emigração, os desgostos tomaram conta da sua vida: "...uma amostra de gente velha e magrinha, coitada, que só falava do passado, dos seus mortos de seus filhos ausentes" (*Chuva Braba*, 1982, p. 28). Ela tinha uma fé forte em Deus e a ele colocava todos os seus problemas, mostrava-se uma pessoa resignada: "... a resignação do costume, aquele jeito a que ela se habituara ultimamente de pôr na mão de Deus o destino das coisas" (*Chuva Braba*, 1982, p. 30).

A presença do marido era forte, que muitas vezes, a sombra dele sentado na poltrona na porta servia para o desabafo dos seus problemas, resignada. Traduzia no filho o conforto, a fonte esclarecedora da dúvida que Joquinha colocou na sua cabeça. É dela que Mané Quim espera a resposta para a proposta do padrinho, e ela por sua vez diz estar acostumada com o destino dos seus filhos, que é emigrar: "...estorvar o destino de cada um." (*Chuva Braba*, 1982, p. 31). Tem um forte apelo telúrico, e é nela que o protagonista encontra essa afetividade à terra.

- **Escolástica** – amada de Mané Quim, ela desperta o amor no protagonista, mesmo depois da proposta do padrinho, esse amor liga-os. É uma pessoa destra, sensual, ágil, está sempre apressada, possui uma facilidade em deslocar-se na rocha, na obra o autor compara o seu instinto ao instinto caprino: "Era um recurso extremo de quem tinha pressa, de quem dispunha duma firme leveza de pés, e do instinto caprino de andar na rocha" (*Chuva Braba*, 1982, p.40). Vive a sua liberdade nos caminhos da ilha, principalmente quando se desloca a Porto Novo, porque em casa vive com a mãe que é uma pessoa muito autoritária e violenta e vive debaixo das suas ordens. A liberdade encontra-a sozinha e longe da mãe, mas sempre com medo da reação dela. É uma mulher telúrica e apresenta uma força viva, ou seja, "*trabalha rijo*", ao alcance do sustento, mesmo que isso fosse pesado, mas não reclamava, por causa da autoridade da mãe, caso contrário será castigada por ela: "Mas o balaio grande que quase transbordava de feijão verde e mangas..." (*Chuva Braba*, 1982, p. 38). Amava Mané Quim, mas só que a mãe a proibia, por isso esse namoro era às escondidas e sempre em alerta, por causa da fama da mãe. A sua relação com o amado tinha um tom agressivo,

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

uma característica que herdara da mãe, e que sempre provocava raiva nas pessoas. Era uma das forças que impulsionavam Mané Quim a ficar.

- **Joquinha**, o padrinho de Mané Quim. É um homem que lutou e venceu, mas de uma maneira oposta a Mané Quim. Atingiu o estatuto económico relevante, mas ele sentiu-se insatisfeito. Tem uma posição oposta em relação às outras personagens da obra, visto que ele nasceu em Ribeirãozinho como os outros, mas largou-a e foi para o Brasil, onde conseguiu ter uma vida razoável, uma vez que em termos económicos conseguiu satisfazer-se, mas sentiu-se solitário, porque tudo o que tinha era para ele, visto que não tinha filhos, que um dia tomasse conta de toda a sua conquista. Foi por causa disso que queria levar Mané Quim com ele, mas só que vivem em contextos diferentes, uma vez que a proposta para Mané Quim foi sinónimo de intranquilidade. Ele era capaz de fazer as piores coisas para que o afilhado desistisse da terra e fosse com ele.

- **Zé Viola** - é também um homem da terra: “– Se o ano for de boas águas caso-me com uma mocinha que eu sei... sua gente tem umas trinchas de terra.” (*Chuva Braba*, 1982:19), mas tem uma pretensa vontade de emigrar. Também é um homem capaz de fazer algo que não é muito conveniente, como por exemplo no texto temos uma passagem, em que ele foi capaz de destruir todo o batatal do Mané Quim a mando de Nhô Joquinha, na esperança de ver se ele desistiria. Joquinha considerava-o um tipo que se divertia nas suas conversas: “Zé Viola era tal e qual uma grafonola” (*Chuva Braba*, 1982, p.18).

- **Lourencinho** - é uma força impulsionante do amor à terra para Mané Quim. Mostra-se como uma personagem solitária, com o silêncio de um homem de poucas palavras, demonstra ter gosto em conversar com as plantas e com os bichos. Viúvo, vivia com uma irmã que era surda e entevada, por causa dessas condições habituara-se ao silêncio: “...homem de poucas falas, parecia ter mais gosto em conversar com as plantas do seu quintal e com seus bichos. Viúvo, vivia com uma irmã surda e entevada...” (*Chuva Braba*, 1982, p.57). Lourencinho antes era conversador: “Ele que outrora fora conversador brabo, habituara-se ao silêncio, e estava virando maníaco ultimamente” (*Chuva Braba*, 1982, p. 57). Telúrico, que se mostrara em declínio, era uma pessoa da confiança de todos, principalmente Mané Quim que tinha muito respeito por ele. Mostrava-se crente no que dizia e apelava a isso:

“É suor no rosto todos os dias, toda a hora, e os calos nas mãos, que fazem a alma aguentar aqui. Pensas que a terra dá alguma coisa sem fé? Pensas?”

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Sem fé a terra dá grama, e grama é maldição, ouviste?” (*Chuva Braba*, 1982, p. 57).

Ele contrariava o destino de quem deixa a sua terra, na sua opinião, quem parte muda por completo, pode algum dia voltar, mas não é a mesma coisa: “...quem vai longe não volta mais. O corpo pode um dia voltar, mas a alma, essa, não volta mais” (*Chuva Braba*, 1982, p. 57). Condena Joquinha, porque, segundo ele, se levasse o afilhado estaria a cometer um crime, vai desenraizar Mané Quim, que segundo a sua opinião não quer. É uma personagem que é um pouco fechado, não tem muita abertura com as outras personagens, não tem um diálogo amplo com o protagonista. Aparece num plano onírico, estranho e violento ao dialogar com Joquinha em Porto Novo.

- **Sanção** - é uma personagem oposta a Nhô Lourencinho, visto que é contra a decisão de Mané Quim ficar. Tem uma maneira de viver que o leva a ruína. Os conselhos que dá a Mané Quim no sentido de não trabalhar as terras, porque elas não produzem. É uma espécie de explorador e oportunista das situações de fraqueza. Representa o limite descendente da economia da *Chuva Braba*, e por essas circunstâncias abusa. Não é um homem telúrico por amor à terra, mas a produção e a qualidade dos terrenos. A sua maior preocupação é explorar e com isso lucrar, não se importando com os meios, sempre quer o melhor para ele. O seu poder económico considera-o como superior em relação aos outros. Com a perda das terras para João Joana por endividamento, muitos consideram-no como um “velho deprovado” (*Chuva Braba*, 1982, pp.62/66).

Ele desistiu e revela-se em seu modo, tornou-se descuidado, sujo, ébrio, não se movendo em prol de recuperar as suas terras, que era da sua consideração e prestígio, o que leva Joquinha a considerar: “Sansão é um nojo, metido naquele casarão miserável, como uma alma penada” (*Chuva Braba*, 1982, p.87). Ele sente-se desmotivado e contenta-se em viver na sua solidão. “Criei juízo dias-há, e homem de juízo morre no que é seu. Quatro homens depois que me venham tirar daqui se quiserem...” (*Chuva Braba*, 1982, p.66).

- **João Joana** - é uma figura aparentemente antipática, dotado de uma negatividade moral. A negatividade nele é notável, na sua fisionomia: “Tinha a tristeza pintada no rosto quando voltou ao terreiro. Encargos e mais encargos era o que dava pr’áí esbanjar economias, emprestando a torto e a direito...” (*Chuva Braba*, 1982, p.34). Como podemos ver na passagem ele possuía algum porte económico, mas emprestava dinheiro, e quem não sabia tirar proveito acabava por perder mais do que devia: “Para uns ele era a salvação, o

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

enviado da Providência. Para outros de juízo assentado, era a perdição, a sombra ruim, o demónio disfarçado entre as criaturas.” (*Chuva Braba*, 1982 p.33). O seu principal ideal era emprestar dinheiro às pessoas e depois vem a usufruir mais tarde a qualquer custo. Na obra temos o caso de **Sansão**, a quem ele emprestou dinheiro, e depois por conta do não pagamento veio a tomar as suas terras, que na opinião de algumas pessoas, o terreno era superior ao valor emprestado.

- **Artur** - é um comerciante do Porto Novo com deficiência visual “vesgo”, e muitas vezes aproveita da deficiência para se dar bem. Esta característica da personagem provoca uma certa indignação em Joquinha que o usa para enriquecer: a especulação dos cereais, quando há uma crise, é muito ganancioso. Na estadia em S. Vicente, em primeiro lugar foi apresentado como um amigo prestável e amável: “Artur tinha sido apresentado em São Vicente por um amigo que lhe afiançara ser pessoa amável e prestativa” (*Chuva Braba*, 1982, p. 117). Mas no fundo não passa de um indigno que apresenta uma prática profissional fraudulenta e especulativa, com esperança na seca para se dar bem, ali venderia todo o seu estoque.

Perante as características das personagens Artur e João Joana, descritas na obra *Chuva Braba*, Maria Luísa Baptista considera que:

... o autor serve-se do seguinte processo económico de construção da personagem: o objetivo de as multifacetar, de lhes atribuir uma densidade psicológica é intentado não tanto pela via de interação com outras personagens, mas principalmente por via, menos elaborada, através da disparidade dos juízos que visam a personagem em causa. (BAPTISTA, 1993, p. 44).

- **André** - um amigo, hospedeiro, que não precisou de sair da sua terra para conseguir uma situação económica razoável, contribuindo para que não estagnasse a sua terra, e isso segundo Joquinha não é o suficiente. Aparenta-se como amigo do Mané Quim, mostrando-lhe que nem sempre a emigração resolve todos os problemas das pessoas.

- **Mariano** - é catreiro, pescador e contrabandista. À sua volta existe um mundo de marginalidade portuária, uma vida arriscada e sem garantias. Tem uma vida difícil de negócios clandestinos e está sujeito a perigos e fracassos. Apesar desta vida ele tem uma ambição de partir que é oposto do Mané Quim, é um desejo que ele almeja concretizar a qualquer custo, mesmo que fosse uma emigração clandestina:

“Pois digo e torno a dizer, um dia salto do bote e nado prò largo, pra proa dum vapor. Tenho a certeza que o vapor me salvará e me levará pra longe. Ou senão

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

vou pra São Vicente e fujo como os outros têm fugido; meto-me no paiol de carvoeiro qualquer” (*Chuva Braba*, 1982, p. 133).

Tem uma vida em perigo e lamenta a sorte do Mané Quim que é uma outra face do “querer bipartido”. É o oposto do protagonista que muitas vezes desejou estar no seu lugar para realizar esse sonho, e lamenta a sorte do amigo. Em análise, salienta-se que a caracterização das personagens surge no texto a partir do momento em que o padrinho fez a proposta de viagem ao afilhado. Sendo assim, podemos dizer que o protagonista tem uma relação com a maioria das personagens, como Escolástica, Nha Joja, nhô Lourencinho, Sanção, João Joana, entre outros. É importante frisar que Nha JoJa, nhô Lourencinho e Escolástica representam para Mané Quim o ficar, enquanto que Sansão e João Joana a saída, evasão. A relação com os restantes personagens traduz o “querer bipartido”. Na mesma linha de ideias, pode-se dizer que existem personagens com menos contacto com o protagonista como: André, Jack, Totonha, Joanhina, que era a amiga e companheira de caminho de Porto Novo de Escolástica, Nhô Vital que era uma espécie de lunário, todos acreditavam na sua previsão e Zé Viola, Nha Maria Lé, a dona da pensão do Porto Novo onde Joquinha ficou hospedado. Segundo Hanras:

a caracterização de cada uma dessas personagens foi tão cuidadosa que, a partir de um certo momento, quando o seu amadurecimento se processou, desligaram-se da realidade partindo algumas amarras, as mais visíveis...algumas conservam um ou outro traço inicial embora já pouco tenham que ver com os modelos respetivos. Cada um representa a personificação de situações observadas e vivência da realidade local... (HANRAS 1995, p. 378)

A caracterização das personagens é cuidadosa ao ponto de proporcionar o processo de amadurecimento delas, onde que cada uma representa a realidade observada, isto é, as personagens vivem de acordo com a realidade local, as situações reais são apresentadas pelas personagens, a observação feita pelo autor é transmitida pelas personagens.

6.3.3 Caracterização da obra

A obra *Chuva Braba*, aquando da sua publicação em 1956, foi, segundo o próprio autor em entrevista com Michel Laban, classificado de *novela cabo-verdiana*, mas houve *críticas* que levaram com que posteriormente fosse alterado para romance.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

“... A estrutura de *Chuva Braba* é de romance. Mas aconteceu que eu chamei de uma novela, uma novela extensa. E isso não agradou, visto eu estar a falsear o verdadeiro significado do livro. O livro tem uma amplitude que não têm as novelas» (LABAN, Michel «Encontro com Manuel Lopes», 1992, pp.92/93).

A novela é um género narrativo que parece estar confiado a um papel de ferramenta de distração e divertimento, pelo relato de aventura e comportamento heroicos. Vamos encontrar mais do que uma ação ou célula dramática, em que a ação central é narrada de forma linear, e há uma pluralidade de espaço e de tempo, com um ritmo acelerado dos acontecimentos em que há uma insignificância das descrições e dissertações. A novela

é um género narrativo que, comungando com outros géneros narrativos (p. ex., o romance, o conto ou a epopeia) das propriedades da narrativa, reclama específicas características distintivas. Essas características começam a definir-se em função do que etimologicamente novela significa: relacionada com o adjetivo novus, - a, - um, a novela é, em princípio, o que é novo, o que traz notícia de eventos desconhecidos, mesmo surpreendentes e complicados por desenvolvimentos sinuosos. (REIS & LOPES, 2002, p.302/303).

O romance é um género narrativo com uma enorme projeção em termos culturais e isto fruto de uma atenção e fama que lhe foi dada pelos seus cultores principalmente a partir do século XVIII. O romance

é uma resposta dada pelo sujeito à sua situação na sociedade burguesa ou estruturada em termos burgueses. Essa resposta supõe uma operação textual sobre o real, o qual assumido por uma narrativa que implica um ou vários narradores. A figura do narrador é, quer o duplo do autor-sujeito, quer uma estrutura de ligação dialetizada entre o autor-sujeito e o real. Krysinski, (1981, p.7), citado por REIS & LOPES, (2002 p. 356).

O romance é uma narrativa com uma grande multiplicidade espacial e temporal, onde encontramos uma pluralidade de ações e uma simultaneidade de conflitos nas diferentes ações, exercendo influências recíprocas, com descrições, análise e digressões mais ou menos longas, onde o tempo narrativo é lento.

Pensamos que esta modificação dever-se-á ao fato da novela ser uma categorização menor para um trabalho de importância e teor pertinentes o suficiente para pompear um título de verdadeiro romance cabo-verdiano.

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

No início a obra intitulava-se *Terra Viva*, (*Clareza*, 4, de janeiro 1947, pp 2-11) mas *Chuva Braba* parece-nos transpor, num título mais satisfatório, uma perfeita sintonia com a realidade nele descrita, uma vez que *Terra Viva*, na nossa ótica seria um título muito ganancioso para retratar uma terra quase agonizante pelas estiagens e secas permanentes.

Esta sintonia com a realidade cabo-verdiana que encontramos na obra *Chuva Braba* é justificada rapidamente pelo fato deste romance patentear como uma verídica narração de vidas solitariamente envolvidas num vasto atlântico com enormes potencialidades e, ao mesmo tempo também com desilusões. O romance *Chuva Braba* apresenta-nos a fé, a esperança e a convicção firme de um povo que se agarra à terra e deposita nela o seu destino. A paisagem é pobre, seca, agreste e sem grande beleza, mas o cabo-verdiano o vê como sendo a terra mãe que dá ao filho (quando é possível dar), é o chão que une as raízes do cabo-verdiano a cada lugar. É a mãe terra que decide o destino de cada um dos seus filhos, em que uns agarrem a aventura de procura de algo diferente e aqueles que decidem ficar acreditando sempre que o amanhã será diferente e que a terra produzirá para dar sustento aos filhos.

Este romance utiliza uma linguagem simples, para espelhar uma problemática que envolve também o leitor de uma forma sumptuosa nos problemas, nos apertos de cada um dos personagens e no sofrimento da terra mãe, num maldito destino, onde a chuva teima a não cair, fustigando a terra e tudo o que ela envolve.

Neste romance, a identidade cabo-verdiana é questionada naquilo que de mais típico possa ter. Falemos pois da constante dualidade de sentimentos por parte do homem cabo-verdiano e, essa dualidade é adveniente da problemática envolvendo o fenómeno da insularidade. Por um lado, o profundo apego à terra, ambicionando sempre a queda das chuvas para que possa extrair de lá o seu sustento, e por outro lado o sentimento de desânimo pela impossibilidade da queda da chuva, tendo como consequência a procura da sobrevivência em outras latitudes, ou seja, a opção pela emigração.

A inevitável invocação da terra e a clara necessidade de emigração tornaram-se, na obra de Manuel Lopes, nos dois eixos fundamentais e dinamizadores de toda a ação desdobrada pela narrativa de *Chuva Braba*.

6.3.4 Representatividade social

Podemos tomar a literatura como sendo um sistema de essência simbólica, onde há uma designação das coisas, mas mantendo-se diferente em relação a elas. Assim sendo, podemos compreender que a linguagem verbal é simbólica, uma vez que é capaz de narrar algo real, efetivo como também o irrealizável e o imaginário. A ficcionalidade nos encaminha para o mundo do imaginário no sentido de compreendermos o universo reproduzido pela linguagem.

A comunicação literária também é utilizada para transmitir ao homem conhecimentos sobre uma certa realidade e, através dela é possível ao homem patentear respostas de várias inquietações que lhe são desencadeadas. A literatura é uma arte considerada próxima da vida uma vez que, igual a uma obra de arte, é uma produção de execuções comunicativas, que abrem possibilidades ao formato de um verdadeiro sentido e estímulo pela prática.

Nas palavras de Carlos Reis “A arte é determinada *hic et nunc* e tira a sua eternidade e o seu valor universal do facto de ser uma realidade histórica, ou seja, do facto de representar um momento insuprimível da experiência humana.” (REIS, 2001, p. 79). No campo dos estudos literários, a conceção de representação carrega em si uma certa dose de polissemia. Pode levar-nos para as reflexões aristotélicas e platónicas no sentido de uma certa imitação nos discursos de cariz estético-verbal, ou também, na conexão aos géneros literários e pela problematização da representação do real.

Do ponto de vista da *mimese*, que estabelece uma relação direta entre a coisa imitada e, o objeto que se quer imitar, onde a realidade é empiricamente acessível, o conceito de literatura é limitado, uma vez que a representação é o ato de patentear uma ação fictícia. No campo narrativo a *mimese*, permite que o narrador faça a transmissão de uma ação, ou acontecimento, ou seja, aqui a representação é tomada como sendo a manifestação de uma ação.

Segundo **A República**: em poesia e em prosa há uma espécie que é toda de imitação, [...] que é a tragédia e a comédia; outra de narração pelo próprio poeta – é nos ditirambos que pode encontrar-se de preferência; e outra ainda constituída por ambas, que se usa na composição da epopeia e de muitos outros géneros [...], Platão, 1983, p. 118; e segundo Aristóteles: a referência à **mimesis** como **imitação** exige a distinção entre um modo de **representação dramática** (por ex., na tragédia) e um modo de **representação narrativa** (por ex. na epopeia). (REIS & LOPES, 2002, P. 354).

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

O autor demonstra conhecer o espaço que está a representar, uma vez que conhece a história, e vê nele algo que deve ser exposto, e utilizando a representação para colocá-lo no campo ficcional. O espaço real é visto como uma âncora pelo autor, para que ele possa partir para o plano ficcional, como pretexto para alcançar a representação do real, uma vez que não é possível termos uma representação a partir do nada, ela tem de partir do real, algo que chame a atenção do autor.

Na obra literária, no seu modo de representação, faz-se o uso de processos de carácter estético-literário, de essência imaginária e simbólica, fazendo com que haja simplesmente uma leitura documental dos componentes revelados.

Há vários conceitos que se pode utilizar, quando se fala da literatura e a sua conexão com o verídico. Podemos utilizar a *mimese*, ou seja, imitação, fingimento, expressão...O conceito de imitação parece-nos a mais antiga, utilizado por pensadores como Aristóteles, Platão e posteriormente por Horácio.

A representação é uma conceção vasta, no entanto estudiosos defendem que aquilo que o homem imita é a aceção feita do Universo/natureza. Assim sendo é no meio envolvente que encontramos condições propícias que viabilizam a representação/imitação, que é feita pelo autor, leitor, uma vez que a literatura só é possível com a compreensão da natureza. O leitor tem que ter a capacidade imaginativa para que o mundo imaginativo possa ganhar forma. Segundo Matos:

o real que se imita, bem como as categorias espaço e tempo, existem realmente fora do sujeito, são dados seguros e susceptíveis de serem conhecidos diretamente, algo anterior à obra imitativa e por relação ao qual se pode avaliar a fidelidade ou a infidelidade da obra ao mundo real que lhe serve de modelo; um mundo real que cabe ao poeta reproduzir de verdadeiro ou verossímil. (MATOS, 2001. p. 211).

Através do processo de imitação/representação, muitas vezes o leitor é levado à ilusão de que a imitação da realidade, da natureza ou da vida corresponde a um processo verdadeiro. No campo literário a representação pode ser entendida como sendo algo limitado, uma vez que a literatura tem a aptidão de encontrar as coisas e de desencadear novos formatos coletivos, não se limitando apenas à reprodução ou reflexão da realidade, mas de inventá-las ou reinventá-las e em consequência descerrando novos horizontes.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

No campo sociológico, pensadores como Émile Durkheim, que a utilizou nas ciências sociais para distinguir as representações pessoais das coletivas, viam a conceção de representação como forma de examinar um fato coletivo, uma vez que há a manifestação dos saberes, das crenças e dos sentimentos de um conjunto social.

Nos estudos literários, a representação suscita várias meditações, isto porque, há uma tradução da relação entre o coletivo e o que o autor quer transitar para a fantasia e, conseqüentemente a transferência da ideia para a veracidade. O autor utiliza a representação como meio para a descrição da realidade.

Manuel Lopes utiliza personagens coletivas que representam a ilha e, vivendo as agruras de um povo numa determinada conjuntura, em que o autor textual ou o narrador de Manuel Lopes não se vê alheio aos problemas vividos manifestando particularmente uma capacidade enorme de observação do real. Assim o leitor tem a faculdade de sair do campo de mera observação indireta para o campo da confirmação dessa vivência.

Ao longo da leitura damos-nos conta de que as tentativas do contexto social, histórico e económico que retratam as agruras vivenciadas pelas personagens, são as mesmas vivenciadas pelo autor textual. A descrição da realidade que é feita pelo autor leva-nos a perceber que houve uma observação minuciosa, levando o leitor a acreditar que o que está sendo descrito, foi vivido pelo autor. No fundo os atributos das personagens são traços da observância do autor.

A observação e a vivência do autor faz com que haja um condicionamento na descrição das personagens aliados ao poder que o autor tem de pôr ao dispor do narrador/autor textual os elementos observados.

A nossa reação àquilo que percebemos de uma forma indireta resultará na representação da realidade. A percepção leva-nos a ampliar a visão sobre a realidade. A obra *Chuva Braba* faz uma atenta reflexão da vivência da ilha de Santo Antão, retratando um aspeto social, fazendo com que o leitor desperte o interesse pela situação. Manuel Lopes avalia a realidade cabo-verdiana através de uma reflexão sobre a sociedade onde a falta de chuva fez com que houvesse períodos de secas severas nas ilhas, e em particular a de Santo Antão.

6.4 Do Espaço:

6.4.1 Características fundamentais do espaço;

Numa narrativa o espaço é uma das categorias mais importantes, não somente pelas pronúncias operantes que institui com as outras categorias, aliadas às ocorrências sematológicas que o descreve. Entendemos o espaço como sendo uma especialidade característica da história que incorpora num primeiro momento os elementos físicos que constituem a base para o andamento da ação e a circulação das personagens. Numa segunda situação a conceção de espaço pode ser percebida num outro domínio englobando os âmbitos do espaço social e do espaço psicológico.

Parece óbvio que o espaço enquanto categoria detentora de inegáveis potencialidades de representação semântica, pode ser entendido como signo ideológico. Quando é possível observar nele a presença variavelmente explícita de atributos de natureza social, económica, histórica, etc., o espaço adquire então uma certa contextura ideológica, remetendo, em articulação com outros signos, para o sistema ideológico que na narrativa predominantemente se representa; (REIS & LOPES, 2002, p. 139).

No espaço normalmente encontramos uma diversidade de aspetos dependendo da opção do romancista que pode estar relacionado com a escolha da dimensão do próprio espaço onde encontramos várias hipóteses de reprodução e exposição espacial associados aos panoramas urbanos ou rurais.

6.4.2 Espaço físico;

Analisando o espaço físico de *Chuva Braba*, demo-nos conta de que a narrativa se desenrola em dois espaços diferentes, fazendo com que haja uma mudança de panorama da ação. A intriga está circunscrita na ilha de *Santo Antão*, em que a primeira parte tem lugar no ambiente rural – *Ribeira das Patas*, e a segunda parte num ambiente mais urbano, que é pacata *vila de Porto Novo*. No ambiente rural vamos encontrar Mané Quim, o protagonista inserido na sua terra natal, onde se sente à vontade para fazer o que mais gosta entre as suas gentes, que é a prática da agricultura, cuidando das suas terras, principalmente

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

reibeirãozinho, e de conviver diariamente que para ele é inspirador, aliado à presença da sua amada Escolástica.

Encontramos nesta parte uma relação de afetividade e cumplicidade entre Mané Quim e a natureza envolvente, havendo entre eles quase que uma afinidade perfeita e inseparável, desde a perturbadora proposta que o padrinho lhe fizera, passando pela paisagem matinal das ribeiras até a esperança de ver o renascimento da nascente em *reibeirãozinho*, consertar os estragos feitos e projetar uma nova valorização desse pedaço de chão que tanto o faz sonhar.

Mané Quim sempre que procura algum contacto, este se desenvolve muitas das vezes em lugares ao ar livre, como por exemplo no caramanchão (*Chuva Braba*, 1982, p. 78), no quintal de nhô Lourencinho (*Chuva Braba*, 1982, p.73), ou de nhô Vital (*Chuva Braba*, 1982, p. 67), na casa de André (*Chuva Braba*, 1982, pp. 81-83). São lugares particulares e aprazíveis ao protagonista numa fidelidade de afeto do seu olhar, como é o caso de *reibeirãozinho*, onde há um pouco de água. Podemos ainda mencionar os seguintes espaços, retirados da obra (*Chuva Braba*, 1982):

Na p. 19... vamos encontrar – a saída da casa do André;

p. 18 e 19 - terreiro da casa de nha Joja;

pp. 40-45 - encontramos o cenário onde a Escolástica toma o seu banho, junto a ribeira;

pp. 51-53 - do ribeiro ao regadio do *reibeirãozinho*;

pp. 68-69 – *Ribeira das Patas*: a aldeia em cascata;

p. 75 – o regadio em *Ribeirãozinho*;

p. 96 – o regadio em *Ribeirãozinho*;

p. 102 – Casa de nha Joja, na evocação de joquinha;

p. 111 – *Porto Novo*;

Mas também há outros lugares encobertos pela paisagem da secura, fazendo com que haja o sentimento de partida à procura de outras latitudes onde se possa viver mais *desafogado* e, são raras as alusões à terra sequiosa que afinal virá a ocasionar todo o destaque concedido à (*Chuva Braba*, 1982). Entre eles, lembramos as seguintes: p. 46 – paisagem deserta, de vegetação rasteira; pp. 33-34, 73 – breve referência à paisagem castigada pelo sol;

Nesta obra o espaço natural não é um mero pano de fundo, aquilo que se pode chamar cor local, mas parece quase assumir a dimensão de uma personagem. É pelo menos

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

o grande plasma vivo, dinâmico, mas concomitantemente seguro e minimamente seguro onde Mané Quim regista a sua atuação vivencial, elemento indispensável de focagem, não de uma filosofia, mas da perdurável maneira de ser *teluricista* do sujeito do enunciado.

Os espaços da primeira parte da obra *Chuva Braba*, são marcadamente espaços diurnos.

Como já havíamos dito, a ação da primeira parte decorre em Porto Novo, local onde Joquinha e Mané Quim tomarão a embarcação que os transportará a São Vicente, a caminho do *Brasil*. *Porto Novo* é o espaço de acolhimento. Contrapondo ao regaço materno que para Mané Quim é *Ribeira das Patas*, *Porto Novo* é o local onde ele se sente deslocado e tolhido, onde, na *pensão* em que o padrinho se instala, lhe é negado o alojamento, onde humilhantemente por engano se vê envolvido numa rixa, que acaba por se livrar, onde em casa do amigo Mariano, tem de contactar o submundo arriscado e iníquo do contrabando, além de, para pernoitar, ter de submeter-se a condições de grande desconforto. Esse espaço da segunda parte contrapõe-se aos da primeira parte. Os espaços noturnos, em que a precaridade ou a ausência da iluminação interior e pública a par de um céu sem estrelas, contribuem para agravar, em casa de Mariano, o clima de inquietação, desassossego íntimo em Mané Quim. Esta intranquilidade aumenta mais com a detenção e chicoteamento de um dos contrabandistas, enquanto que a embarcação de Mariano há de se perder na tempestade. Foi uma *longa noite* em que Mané Quim se viu libertado apenas com a chegada da chuva amiga. Em *Porto Novo*, Mané Quim depara-se com o mar próximo, à vista, mas não é convite para a evasão.

A impossibilidade de alojamento junto do padrinho na pequena *pensão* de Maria Lé revelou-se significativa, colocando a hipótese de marginalização menos consciente de Mané Quim, ainda que não vestido e calçado segundo a convencionalidade cidadina, por parte da hospedeira, interpretamos tal impedimento como abertura para a inclusão referencial aos tópicos do contrabando, dureza de vida de um portuário, ânsia de querer partir e ter de ficar.

Porto Novo é o cenário piscatório de urbanização rudimentar que, mesmo adverso ao protagonista, sarcasticamente o projetará para a sua terra natal – *Ribeira das Patas*. *Porto Novo* é o ponto mais alto da narrativa, o da concretização da expectativa – chegada da chuva.

6.4.3 Espaço social

Socialmente e de uma forma global, a obra *Chuva Braba*, presenteia-nos com um panorama dinâmico dos dois meios pequenos, sendo *Ribeira das Patas* o lado rural e *Porto Novo*, o lado litoral. Tanto em *Ribeira das Patas*, como em *Porto Novo*, a população é apresentada no seu conjunto como sendo um todo socialmente funcional. *Ribeira das Patas* é onde o narrador apresenta um relacionamento entre outras personagens, caracterizável como o da grande família, em que os elementos da comunidade se conhecem entre si, reinando uma solidariedade entre essa comunidade, onde aparentam os valores intrínsecos ao telurismo concentrados no símbolo que *Ribeirãozinho* é em si e nas resignações que Mané Quim tenta suportar para uma valorização da sua propriedade. Mané Quim tenta recorrer ao João Joana no sentido de conseguir algum recurso financeiro para recuperar a nascente e ter mais água para a propriedade, levando-nos a imaginar que é um grupo social recriado com preocupações de verossimilhança. Um aspeto negativo desta sociedade é a presença da marginalidade composta pelos danos que destroem as plantações na propriedade de Mané Quim. Relativamente às mulheres de uma forma genérica, não assumem uma circunstância decisiva na ação de *Chuva Braba*, mas são quase como um grupo que está ou fica sistematicamente despossado de maridos e filhos, principalmente dos que partem. Em alguns casos são a vida da resignação (o caso de nhâ Joja) ou a vivência de um dinamismo masculino de comutação, o caso de nh'Ana e as filhas.

Analisando a primeira parte da obra *Chuva Braba*, este não nos facultava ambientes sociais que granjeiam uma relevância distinta. Encontramos é a vastidão do ambiente em que Mané Quim se sente confortado.

Já na segunda parte, *Porto Novo*, isto já não acontece, uma vez que no litoral encontramos a assistência do mar e a pequenez económica que proporcionam os circuitos menos conscienciosos de certo comércio e os do contrabando. Há um persistente desejo de partir por parte dos naturais deste litoral. Há também a existência de uma autoridade administrativa e policial, neste caso o chefe de posto, uma pensão e algumas lojas.

Ao contrário daquilo que acontece no ambiente rural, *Ribeira das Patas*, no ambiente do litoral, *Porto Novo*, não se vê uma amálgama no relacionamento interindividual. Há uma compartimentação dos elementos humanos desta comunidade, uma dificuldade em

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

encontrar soluções para os problemas da coletividade, prevalecendo os interesses individuais, ou a presença de certa inveja entre os elementos integrantes desta comunidade.

As personagens são seres estanques. Na primeira parte, Mané Quim rodeia buscando pareceres quanto à decisão a tomar; e os seus interlocutores inquietam-se com o dilema do seu compatriota. Na segunda parte, o comerciante Artur sente que a estiagem corre a seu favor e as carências dos conterrâneos não o atingem. Maria Lé de forma alguma cede alojamento ao afilhado de Joquinha e Mariano por instantes sente-se tentado a exterminar o amigo, pois assim talvez pudesse ocupar o lugar dele junto de Joquinha. Isso porque a atividade de contrabando que o Mariano desenvolvia continha mais riscos do que proveito. Mariano via no desejo de evasão uma eventualidade de resolução para a sua situação económica.

Na segunda parte, Porto Novo, principalmente das pp.24 a 140, da obra (*Chuva Braba*,1982) demonstra a ilustração extraordinária de um ambiente de intranquilidade em que a falta de luz/transparência exerce uma função especificamente coerente quer com a atividade portuária marginal quer com o estado de espírito da personagem principal da obra em análise. Durante o pouco tempo que esteve *Porto Novo*, Mané Quim convive com um quadro de precaridade económica e insular. Este facto propicia-lhe, o conhecimento/contacto direto com um ambiente instável, nada auspicioso, elementos opostos à sua disposição de deixar *Ribeira das Patas* virão a oferecer a sedimentação do *querer ficar* mesmo estando com condições de *partir*, que se definirá com a chegada da chuva.

6.4.4 Espaço psicológico

Na obra *Chuva Braba*, o espaço psicológico é uma instância discursiva que desempenha um papel basilar na ativação das lembranças, harmonizado pela analepse, ou pelas invasões no campo da subjetividade e pensamento das personagens. Assim sendo, o espaço psicológico define os perímetros da personagem e do tema, tornando intenso o tempo da indecisão, protelando assim o desfecho final.

Na obra em análise, impera na personagem principal uma incerteza relativamente à resposta que deve dar ao seu padrinho, criando assim uma instabilidade emocional e

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

espacial, ao lado de uma ansiedade em Mané Quim, sobre a possibilidade de abandonar tudo e partir para o *Brasil*. Após o convite do padrinho o protagonista vê-se ansioso, baralhado e frequentemente repartido. O estado de espírito de Mané Quim surge retratado em várias entidades, por exemplo nas pp.19, 20, 55 e 56, (*Chuva Braba*, 1982).

A personagem Escolástica, no seu monólogo interior, divaga perante a autonomia de mover-se pelos montes, onde estaria fora do alcance da mãe, que era muito autoritária, fica cheia de medo ao imaginar a possibilidade de Mané Quim a ver após o seu banho no ribeiro, visível nas pp. 41 e 43-44 (*Chuva Braba*, 1982).

Ao falar aqui do espaço psicológico, vemos que não ocorre somente no âmbito do monólogo, algo que está presente na meditação de Joquinha após ter sido advertido por nhô Lourencinho, pp.98 e 99 (*Chuva Braba*, 1982) ou a relembração feita relativamente ao passado comum pelo Joquinha aquando da visita a nha Joja pp. 101-105 (*Chuva Braba*,1982), que também é uma extensão do território diegético, através de uma analepse. O exemplo de uma outra viagem ao passado é a aparência ruínosa da casa de nha Joja e de todo o ambiente envolvente, p. 102 (*Chuva Braba*,1982).

O espaço psicológico alarga-se ainda pelas zonas virtuais da dominação dos sonhos de onde surge a interpretação clara da afirmação tomada como representação, que nhô Lourencinho repete no seu jeito de gritar o apego à terra:

É o que interessa. A morte de um e a vida do outro. Sabes, nos momentos decisivos o homem vira dois. O que manda e o que desobedece, o que aceita e o que nega, o que vai e o que fica. É preciso decidir: um lado ou outro; cá ou lá. Mas para isso um dos dois será aniquilado. Há também quem siga o chamamento de um sem ter reduzido ao silêncio o outro. (*Chuva Braba* 1982 p.144).

Através do sonho, a personagem principal e o próprio Joquinha recebem avisos de que a partida não se irá efetivar. Mané Quim sonha que fora atacado por um homem que lhe desfere golpes na cabeça com sua faca fria e fina, p.146 (*Chuva Braba*, 1982) e Joquinha visualiza com mais nitidez a sua própria responsabilidade. Portanto o espaço psicológico assume aqui uma subsidiariedade harmoniosa na linha diegética principal.

6.5 Da ação

6.5.1 Níveis e relevo da ação

A ação pode ser entendida como sendo um conjunto de acontecimentos que se desenrolam num determinado espaço e num tempo mais ou menos extenso.

Em termos semionarrativos, a ação deve ser entendida como um processo de desenvolvimento de eventos singulares, podendo conduzir ou não a um desenlace irreversível. Além disso, a ação depende, para a sua concretização, da interação de, pelo menos, os seguintes três componentes: um (ou mais) sujeito (s) diversamente empenhado (s) na ação, um tempo determinado em que ela se desenrola e as transformações evidenciadas pela passagem de certos estados a outros estados (REIS & LOPES 2002. p. 15).

A obra *Chuva Braba* apresenta-se estruturada em duas partes, sendo que da primeira para a segunda parte encontramos quase que uma mudança de cena da ação. Nesta obra a ação é centralizada na personagem principal, Mané Quim, que é cotejada com uma proposta por parte do padrinho Joquinha, de partir para o *Brasil*, em busca de uma vida melhor em termos económicos. A partir desse momento essa personagem vê-se envolvida numa discórdia emocional, em que ele terá de resolver o dilema de aceitar ou renunciar a proposta feita, e que no final o leitor terá a oportunidade de constatar que ele resolveu o dilema com a renúncia do convite que lhe foi feito.

Mané Quim, a personagem principal, representa a problemática do cabo-verdiano. Por um lado e de forma individual, representa o lado bom economicamente afigurado no padrinho que vive no *Brasil* e para onde quer levá-lo, por outro lado representa o homem *telúrico* enraizado à sua terra natal e que está disposto a fazer de tudo para extrair dela o seu sustento, tentando adiar a decisão de partir.

Nhô Joquinha, padrinho de Mané Quim, e de férias em *Ribeira das Patas*, resolve “saldar uma dívida” que tem para com a família do afilhado, principalmente com o pai deste e, também na tentativa de combater a solidão em terras brasileiras, resolve convidar o afilhado a viajar com ele, para onde este teria uma vida economicamente mais estável, despoletando no seio do protagonista o conflito.

Tendo em conta os períodos de seca que assolavam as ilhas, a falta de água em *ribeirãozinho*, a proposta do padrinho poderia representar para Mané Quim um elogio, uma

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

forma de ter outras condições económicas para si e sua família, mas na verdade ele mostrou-se sem emoção e preferiu declinar o convite. Para além da discórdia inicial gerada na cabeça do protagonista por causa do convite feito, podemos mencionar ainda na economia desta narrativa a chegada em Porto Novo, que pode ser considerada o primeiro momento da recusa de partir para o *Brasil*, pois aí começam a aparecer as primeiras saudades devido à separação dos familiares e de *Ribeira das Patas*, aliados à impossibilidade de ficar na mesma pensão com o padrinho.

Ao longo de quase toda a obra o protagonista luta contra a proposta do padrinho e com o seu íntimo perante o dilema de *querer ficar e ter de partir*. Luta essa que se vai desenrolando paulatinamente pelas variações do enredo, e em que é visível um certo suspense, na medida em que Mané Quim ora apresenta sinais de que aceitará o convite, ora apresenta sinais de que não o aceitará, mantendo sempre viva a tensão, a expectativa no leitor sobre o desenlace final.

A obra *Chuva Braba* como já vimos anteriormente é dividida em duas partes. Basicamente na primeira parte encontramos a instauração do “conflito”, que é instaurado com o convite feito pelo padrinho; encontramos também o “combate” em que a personagem principal se vê envolta no dilema e luta para tentar resolver o problema, e a “eliminação”, ou seja, a decisão da personagem principal. A mesma estrutura da primeira parte, ou seja, “conflito” ou “intriga”, “combate” e “eliminação” ou “desenlace” repete-se na segunda parte da obra. Isto leva-nos a dizer que a obra está dividida em duas partes e que vamos encontrar o “conflito” e o “combate” que podem ser considerados o desenvolvimento da ação global e a “eliminação” que na macroestrutura da obra é a decisão da personagem principal.

A “eliminação” representa a rutura da tensão desenvolvida no interior do protagonista, e que realmente representa o seu querer. As dúvidas foram dissipadas com a chegada da *Chuva* que foi a *voz a falar* mais alto no íntimo da personagem principal fazendo com que ele tomasse a decisão de ficar mesmo com todas as dificuldades e problemas *telúricos* apresentados pela terra mãe, confiando na palavra *esperança* de que o amanhã será melhor.

A proposta do padrinho ao afilhado como já vimos despoletou o “conflito” que passará para o “combate” onde deparamos com o dilema e a decisão. Ainda no “combate” deparamos com o início do processo de desenraizamento do protagonista, a decepção já em *Porto Novo*, principalmente pela impossibilidade de ficar na mesma pensão com o padrinho,

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

e a chegada da chuva que leva o herói a tomar uma decisão definitiva, ou seja, aquilo que já vimos que é a “eliminação”, em que a caminhada da ação se verifica a um ritmo lento, não querendo dizer com isto que há momentos de pausa no decurso das ações, aquilo que podemos chamar de “catálises”.

Mané Quim é um homem da *terra* e a proposta do padrinho cria nele esta instabilidade uma vez que se vê perante uma situação que poderá fazer com que ele tenha um *desenraizamento da sua identidade*, na medida que é uma decisão que tem que ser tomada por ele e mais ninguém. O protagonista pondera sobre as responsabilidades familiares e o amor à terra, mas também busca aconselhamento de amigos para poder fundamentar a sua decisão, acolhendo muitas vezes aconselhamentos divergentes, acabando por aumentar mais a sua indecisão, fazendo com que seja ele mesmo a tomar a decisão.

O protagonista vê-se perante uma *confluência telúrica* em relação ao amor familiar, aos amigos, a forte ligação à terra. Mas a inquietação despoletada pelo convite do padrinho o atormenta de tal forma, fazendo com que houvesse uma inversão da expectativa em relação ao amor familiar, aos amigos e o amor/apego à terra. Mané Quim toma impulsivamente a decisão de *partir*, como se quisesse enganar a sua própria consciência, decepcionando a mãe, a namorada Escolástica e, se quisermos, o próprio padrinho na medida em que este não esperava de forma repentina a decisão do afiliado e também o narratário acaba por ser surpreendido pela decisão do protagonista.

Na segunda parte a personagem principal teve contacto direto com a vivência do litoral, *Porto Novo*, diferente daquilo que acostumara em *Ribeira das Patas*, criando nele um certo mal-estar e inadaptação funcionando como condicionante favorável para a decisão definitiva que viria a tomar, determinada pela *chegada da chuva*, confirmando que a opção de *partir* que Mané Quim tomou no fim da primeira parte não correspondia a um desejo real de abandono. Encontramos então um momento de reencontro da personagem principal consigo mesmo, havendo deste modo a restauração do equilíbrio inicial.

A decisão de *partir ou ficar* nem sempre é fácil de tomar, uma vez que envolve sentimentos pessoais e coletivos e o autor ao longo da obra *Chuva Braba* utiliza sequências na recriação ficcional do universo da insularidade cabo-verdiana para demonstrar isto.

Durante a análise da obra e na relação de Mané Quim com o mundo circundante, podemos tirar algumas ilações: a primeira ilação que tiramos é que se a personagem principal tivesse aceitado de imediato a proposta de Nhô Joquinha, talvez não teríamos esta obra, ou

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

ela ganharia outros contornos; a segunda é que se o narrador tivesse mantido a personagem principal num estado de indecisão até o final era sinal de que nem o *apego à terra* e nem a *vontade de sair* tiveram forças suficientes para eliminar o outro. Reforçamos aqui esta ideia com a fala de nhô Lourencinho dirigindo-se a nhô Joquinha:

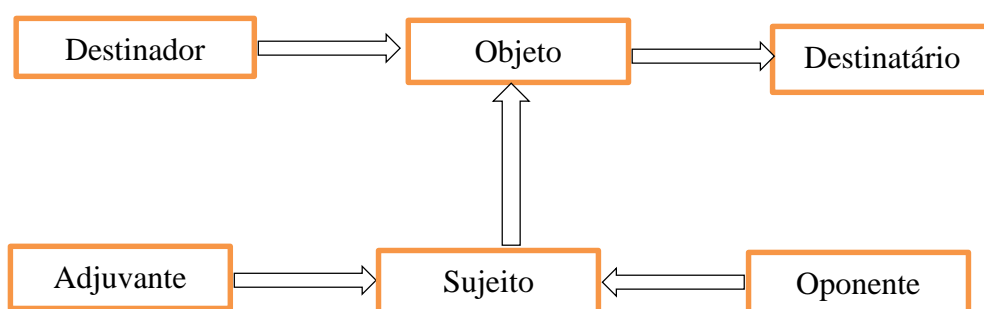
Sabes, nos momentos decisivos o homem vira dois. O que manda e o que desobedece, o que aceita e o que nega, o que vai e o que fica. É preciso decidir: um lado ou outro; cá ou lá. Mas para isso um dos dois será aniquilado. Há também quem siga o chamamento de um sem ter redizado ao silêncio o outro.

Mesmo que Mané Quim for, o outro que ficar será mais forte... (com firmeza): mas nem um nem outro irá contigo. (*Chuva Braba* 1982, p. 144).

A terceira é que a obra *Chuva Braba* é a vivência do cabo-verdiano no que tange ao *querer partir e ter que ficar*, e que culminará no triunfo de um perante o outro. Portanto em *Chuva Braba* o narrador comunga do ponto de vista da personagem principal e convida o leitor a identificar-se com ele, uma vez que o dilema *querer partir e ter que ficar* é a força que muitas vezes move o homem cabo-verdiano. Não temos a certeza se esta questão ficou definitivamente resolvida em Mané Quim; não sabemos se a seca voltar Mané Quim reprimir-se-á de ter deixado escapar uma oportunidade de ter uma vida melhor. Mas do nosso ponto de vista a obra *Chuva Braba* é uma narrativa fechada tendo em conta que o narrador dá a conhecer o destino das personagens.

6.5.2 Estrutura actancial

A estrutura actancial da obra *Chuva Braba* leva-nos a fazer a análise paradigmática do jogo estável entre os diferentes actantes (o actante não tem que ser obrigatoriamente uma personagem humana, pode ser uma força superior, uma animal, um objeto, um conceito, um valor moral) presentes na referida obra.



Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Na estrutura da obra *Chuva Braba*, apresentamos a personagem principal, Mané Quim, como personagem sujeito; o objeto que ele pretende alcançar é a ida para o Brasil à procura de uma vida economicamente estável; ao longo do desenrolar das ações para que o sujeito não possa alcançar o seu objeto vamos encontrar as oponentes, ou seja, personagens ou entidades que dificultem a obtenção do objeto por parte do sujeito. Neste caso são as personagens que agem no sentido de demover Mané Quim da ideia de ir ao Brasil, e são elas: Nha Joja, mãe de Mané Quim, ela não manifesta diretamente o seu desejo ao filho para não partir, nem mesmo quando o filho quer ouvir o seu conselho, mas conversa com o compadre e indiretamente manifesta a vontade do filho ficar. Vejamos a fala de nha Joja:

Destino de meus meninos é ir um a um – foi dizendo num tom lamurento de litania, os olhos fixos nas mãos que ela continuava passando uma sobre a outra num movimento teimoso e monótono só interrompido para sacudir as lágrimas do queixo. Destino de meus meninos é ir um a um – repetiu. Depois que «Deus –haja» (referia-se ao marido morto) nos deixou, o meu codê Joãozinho numa das voltas que foi a São-‘Cente meteu-se num vapor estrangeiro e nunca mais eu soube dele. Era um mocinho mexido... Só Tiago me escreveu. Sabe ocê? Tiago era mocinho mais sossegado, falava pouco; ... Eram ao todo sete meninos, três morreram aqui na Ribeira das Patas, estão enterrados no cemitério do Curral das Vacas. Só tenho o Jack e o Quim. Agora ocê quer levar-me o Quim... (*Chuva Braba*, 1982. p. 104).

A mãe manifesta todo o sofrimento pela ausência dos filhos e conseqüentemente contra a partida de Mané Quim. Escolástica, que é a namorada de Mané Quim. Ela revela ser uma mulher da terra, ligada às *raízes telúricas*. Na conversa entre ela e Mané Quim, este diz:

“Ah, é verdade. Padrim quer pra eu ir com ele pra *São Vicente*. Disse-me que depois leva-me pró *Brasil*... Escolástica diz: - Tu eras capaz de largar nha Joja pr’ ai sozinha? – Dentro dela era outro pensamento. Muito acima de nha Joja e de todos os interesses do namorado estava ela”. (*Chuva Braba*, 1982, p. 27)

Zé Viola, uma personagem dada ao trabalho, preocupa-se mais com a vida dos outros do que com a própria vida, e perante a notícia do convite feito a Mané Quim, mesmo tendo vontade de receber um convite semelhante, resolve demonstrar a esperança na terra:

“- Sempre vou esperando...
- Esperando o quê, Violão?
- Chuva tem de vir. Eu não gosto de S. Vicente, sabe ocê? Tem muita gente, tem muito reboliço; o que não tem é água a correr... – A gente não sabe onde é que está o lugar melhor.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Se um dia me tirassem daqui e viesse uma chuva rija, seria pra mim uma grande dor de alma. Quando a alma dói uma criatura não fica bem em qualquer parte.” (*Chuva Braba*, 1982, p. 17/18).

A esperança na terra demonstrada por Zé Viola é um sinal de que Mané Quim não deve aceitar o convite do padrinho. Nhô Lourencinho que na obra *Chuva Braba* simboliza aquele velho que sabe muitas coisas e que transmite a sua sabedoria aos mais novos. Personagem fundamental na tomada de decisão por parte de Mané Quim. Nhô Lourencinho diz: “Quem vai longe não volta mais. O corpo pode um dia voltar, mas a alma, essa, não volta mais... E mesmo assim ia perdendo a alma...” (*Chuva Braba*, 1982 p. 57/58). Fazendo Mané Quim convencer-se de que deveria ficar e fazer a terra produzir para dali retirar o sustento familiar.

A personagem Néné, filho de nhô Vital, também transmite uma certa esperança a Mané Quim, dizendo: “Nha papá disse que tempo está rodando pra chuva.” (*Chuva Braba*, 1982, p.68). Demonstrando a fé inabalável na vinda da chuva.

Ribeira das Patas, mais concretamente *Ribeirãozinho*, lugar onde a personagem principal sentia que as suas raízes estavam atadas, lugar onde tudo tinha sentido para ele, onde ele tinha satisfação em viver: “o Ribeirãozinho só porque tinha um fio de água a escorrer da rocha punha-lhe os sentidos e o coração despertos.” (*Chuva Braba*, 1982, p. 23).

Nhô Vital conhecemo-lo através de Zé Viola e do Filho Néné. Essas personagens dão-nos a conhecer o papel que nhô Vital desempenha na narrativa, uma vez que ele representa o homem que sabe ler o céu para dizer se haverá ou não chuva.

Ocê falou na chuva acabar... Nhô Vital não diz assim. Sabe ocê, segredo das águas a gente estuda na feição do tempo, a que gente estuda no cariz das rochas, nas nuvens, na linha do mar, na cor que o céu mostra, no anel da lua na endireitura do vento, no cheiro que ele traz.... O lunário de nhô Vital não fala assim como ocê. Nhô Vital estuda no lunário e sabe ver nos astros.

Diz que vai chover – e quando diz que chove é porque chove – a não ser se Deus não quer.... Nhô Vital pode até dizer o dia que ela chega. (*Chuva Braba*, 1982, p. 16/17).

Nhô Vital prediz a saída de Mané Quim, mas também diz que voltará à terra natal, esta antevisão ecoa como um desencorajamento à partida. Nhô Vital diz:

Voltarás um dia com a ajuda de Deus. Encontrarás as tuas terras onde as deixaste. Terás dinheiro então para o que queres agora. Tu com dinheiro na mão vais longe. Nós o que queremos aqui são homens com dinheiro e que saibam empregar o seu dinheiro. Tu és o homem que queremos aqui quando voltares do Brasil.

Voltarás com dinheiro e terás as terras que quiseres, com a ajuda de Deus. Porque chuva não faltará. (*Chuva Braba*, 1982, p. 67).

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Apresentamos agora as personagens que agem no sentido de influenciar o sujeito a alcançar o seu objeto, ou seja, as adjuvantes:

Joquinha, o padrinho, que fez o convite a Mané Quim para ir ao *Brasil*. Nhô Joquinha diz: “- Feliz de quem encontra um caminho longe para fugir atrás da chuva que fugiu das ilhas.” (*Chuva Braba*, 1982, p. 14).

Zé Viola reaparece aqui também como um incentivador à ida de Mané Quim ao *Brasil*. Na fala de Zé Viola com o Joquinha diz: “Se eu encontrasse quem me quisesse levar pró *Brasil* ou *América*, encostava a enxada atrás da porta e dizia logo: - “Bá’mbora” (*Chuva Braba*, 1982, p. 16).

Nha Joja representa o dramatismo das ilhas e de uma mãe biológica. Isto é, as ilhas veem os filhos a saírem para outras paragens a procura de uma vida melhor economicamente, e a mãe biológica também vê o filho a sair. Já vimos que ela é contra a saída do filho, mas a sua ação revelada por palavras leva-nos a concluir que ela é das personagens que também incentivam a saída de Mané Quim. Ela diz ao filho:

- Está nas tuas mãos, disse. Se quiseres ir vai.
Assim como assim não posso estorvar o destino de cada um.
Depois acrescentou toada de ladainha: ... – Destino d’ocês é andar...-
ciciou nha Joja. Não havia nem surpresa nem revolta na sua alma.... Segue
o teu destino – aconselhou então a mãe. Se eu fosse a ti andava também
como andaram os outros. É caminho de cada qual. (*Chuva Braba*, 1982, p.
31).

Nhô Sansão é uma personagem que ao longo da narrativa vemos que é de pouca fala, mas desde o início mostra-se a favor da partida de Mané Quim. Ele manifesta esta vontade com a seguinte frase: “O que te garanto é que essas terras, nos tempos de seca que estão correndo, não se tira proveito nenhum. Olha, o conselho que te dou é não trabalhares as terras nada.” (*Chuva Braba*, 1982, p. 64/65).

Nhô Vital analisando a sua fala, ficamos no campo ambíguo uma vez que ele não tem um posicionamento claro em relação a partir/ficar. A citação utilizada no sentido contra a saída de Mané Quim, é a mesma que tem para o incentivar a partir. (*Chuva Braba*, 1982, p. 67).

Nhô André também é uma personagem que já vivenciou muitas coisas deste mundo, e ele incentiva a saída da personagem principal: “Tu o que tens a fazer – observou André- é

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

preparar a trouxa e seguir com o teu padrinho. Assim é que andas assisado. No teu lugar e na tua situação é o que eu fazia” (*Chuva Braba*, 1982, p. 79).

Ao longo da leitura deparamos que há outras entidades que jogam a favor da saída da personagem principal. Por exemplo o pai de Mané Quim que é apenas mencionado com carinho pelo Joquinha ou lembrada com saudade pela sua mulher. Sabemos através da fala de Joquinha que foi ele quem o incentivou a partir: “tinha uma velha dívida a saldar com o pai de Mané Quim. O que se deve aos mortos paga-se aos filhos dos mortos. Foi ele quem o convencera a abandonar a terra”. (*Chuva Braba*, 1982, p. 83). Havia também a ideia de que o destino dos filhos de nha Joja era partir e nunca mais voltar “Escolástica sabia, todo mundo sabia que o destino dos filhos de nha Joja era grande. Foram-se safando um a um, sem olhar pra trás.” (*Chuva Braba*, 1982, p. 27).

A destruição do regadio em *Ribeirãozinho* que para Mané Quim foi um ato de maldade perpetrado a mando do padrinho, fez com que a personagem principal começasse a desprender-se de ideias antigas de *amor e fé à terra*. Começa a pensar que aliados da falta de chuva haveria sempre com atos de destruição, fazendo com que a terra não produzisse nada para o seu sustendo e da família também. Mas também há um certo medo que persiste na personagem principal. Medo que faz com que se sinta cada vez mais inseguro pela decisão que virá a tomar. Medo porque a mãe não lhe ajuda a decidir, medo de pedir dinheiro emprestado ao senhor João Joana e perder a sua propriedade, e mesmo medo da reação do padrinho se ele decidir ficar.

Na segunda parte da obra encontramos outras personagens que servem como adjuvantes, ou seja, que incentivam o sujeito a alcançar o seu objeto. São os casos do Chefe de posto administrativo em *Porto Novo*, que é uma personagem jovem e que gosta muito de todas as histórias que vem do exterior; do comerciante Artur que vive às custas da desgraça dos outros, ou seja, se não chover será melhor para o seu comércio, e do Mariano que é um contrabandista e que sempre anseia partir. Ele representa todo o mal por que passam os homens do mar.

Neste modelo actancial apresentado, o destinador é o próprio sujeito, ou seja, é Mané Quim quem decide sobre a ida ou não para o *Brasil*. O destinatário ou os destinatários que são as entidades ou personagens sobre as quais recai a decisão favorável ou desfavorável do destinador. Neste caso se Mané Quim decidir partir o destinatário será nhô Joquinha, uma vez que é ele o mais interessado na partida de Mané Quim. Se Mané Quim resolver ficar os

beneficiários serão Nhâ Joja, Escolásticas e a nascente em *Ribeirãozinho*, ou seja, as personagens femininas.

Neste modelo apresentamos a personagem Mané Quim como sujeito e o objeto que ele pretende alcançar é a ida para o *Brasil*, que na perspetiva do padrinho, simboliza melhores condições de vida para o afilhado. Mas podemos também dizer que o objeto que a personagem principal quer atingir é a recuperação da nascente em *Ribeirãozinho*. Se validarmos esta perspetiva, manteremos os mesmos adjuvantes e os mesmos oponentes, o destinador será nhô Joquinha e os destinatários continuarão sendo as figuras femininas, ou seja, nhâ Joja, Escolástica e a nascente em *Ribeirãozinho*.

6.6 Ponto de Vista:

6.6.1 Modos de representação

Na narrativa de Manuel Lopes, a representação desempenha a função de dar algo a conhecer, de revelar algo oculto, ou seja, dar a conhecer o real social das ilhas, onde imperava longos períodos de seca e que a emigração parecia ser a única alternativa para debelar as crises sociais existentes. O autor observou a situação vivida e resolveu revelá-la, e a obra *Chuva Braba* serviu para demonstrar os factos observados.

O processo de observação requer uma especial atenção, na medida em que através dela é possível que a descrição da realidade corresponda a algo fiel. O conhecimento da realidade por parte do autor é uma alavanca para que a observação e a descrição sejam mais fáceis, uma vez que o narrador dá atenção aos pormenores mostrando interesse no registo daquilo que é observado. Ou seja, “a representação literária da realidade, a *mimese*, não é mais que o pano de fundo, que torna perceptível o carácter indireto da significação. Esta percepção é uma reacção à deslocação, à alteração ou à criação do sentido” (Barthes et al, 1984, p. 98/99). Segundo esses autores a percepção é o resultado da interiorização que engloba os instrumentos de deslocação, alteração e criação de determinado sentido. Também facilita ao sujeito a oportunidade de interpretação da sua realidade envolvente.

A descrição possibilita ao leitor sentir-se parte da narrativa, tendo em conta a forma como o narrador onisciente ou as personagens o orientam. Quanto mais fiel for a observação da realidade, maior será a pormenorização da descrição feita pelo autor. Assim

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

a descrição subordina-se ao ponto de vista do autor tendo em conta a realidade que ele julgar ser essencial para colocar no papel.

Na obra *Chuva Braba*, Manuel Lopes utiliza a descrição para refletir sobre o real cabo-verdiano, que passa pela vida sacrificada dos camponeses de *Santo Antão*, onde o meio de subsistência que existe é o trabalho agrícola, onde há uma coragem e uma esperança inabalável do homem cabo-verdiano centralizada na figura de Mané Quim de que a chuva virá e conseqüentemente haverá um futuro promissor para o homem da terra.

A descrição corresponde à maneira de ver, ouvir ou sentir uma determinada realidade, isto é, a representação observada demonstra o íntimo de relacionamento existente entre o autor e esta realidade que lhe interessa descrever. Assim sendo, quanto maior for a fidelidade da observação, mais pormenorizada será a descrição feita pelo autor textual.

Uma obra literária espelha aquilo que já aconteceu ou o que poderá acontecer. Sobre isto, Laranjeira citando Aristóteles diz “a obra literária não é apenas o acontecido, mas o possível de acontecer, segundo a verossimilhança e a necessidade” (LALANJEIRA, 1995, p. 196). Manuel Lopes sentiu a necessidade de retratar as ocorrências da sociedade, e para isso utilizou a criação literária como meio de difusão da sua realidade, participando no processo de meditação e ação perante o real cabo-verdiano. Ele observando o real, utiliza a descrição para mostrar que a obra *Chuva Brava* é o resultado de uma constatação feita na sociedade cabo-verdiana e que lhe despertou uma certa preocupação.

O autor está presente no texto, pelas marcas evidentes que encontramos, das quais citamos:

A rapariga trazia um grande balaio de colheita à cabeça. Com o seu andar bamboleante, quase espalhafatoso, as ancas dançando à roda da cintura, cintura de pilão, exageradamente estreita mas firme como num torne de batuque, mal parecia pousar os pés no chão tal a ligeireza com que pisava as pedras que atravancavam o caminho. Trazia a saia repuxada e amarrada por baixo da cintura como uma tira de carrapate, à maneira de cinto duplo, o lenço mal atado caindo para a nuca e, em lugar de blusa, um corpete de grosso tecido branco decotado e mal justo. Com o sacudir da marcha os seios bicavam como dois pombos prisioneiros e recalcitrantes, e a cada salto que ela dava a saia enfumava descobrindo as pernas, estriadas de músculos, até acima dos joelhos (*Chuva Braba*, 1982. p. 24).

Nesta passagem Manuel Lopes traça detalhadamente a personagem Escolástica, desde o andar, o vestuário, a disposição corporal da moça, demonstrando, aos olhos do autor textual, que há uma pobreza retratada na forma como a rapariga se apresentava.

Em outra passagem, regista-se:

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Era noite ainda, mas as estrelas empalideciam para as bandas do nascente, sobre o canal. O canal ficava para lá das montanhas. Sem relevo, como cartões de cenário lúdico talhados à faca, as montanhas circulavam à roda do vale, negras e pontiagudas, barrando o horizonte.

Pela chã envolta em negrume, ao redor da casinha desaguada construída à beira do caminho com um estreito terreiro de braça de fundo, os grilos e as escolopendras faziam uma azoada de ensurdecer. (*Chuva Braba*, 1982. p. 37).

Como vemos, Manuel Lopes descreve com pormenor os lugares, reforçando que ele descreve o observado. A descrição serve para que o autor traduza um profundo e sincero gosto por aquilo que ele sente, vê e ouve. A fieldade demonstrada pelo autor e personagens desperta no leitor a vontade em conhecer a obra e também de querer vivenciar os acontecimentos, tudo por causa da forma como esses são descritos. Manuel Lopes abraçou a causa do retrato dos problemas sociais vividos pelo povo das ilhas e que, do seu ponto de vista, mereciam ser difundidas através da literatura.

6.6.2 Focalização omnisciente;

A focalização ou ciência é a perspetiva adotada pelo narrador em relação ao seu universo narrado. Assim sendo ele pode adotar várias perspetivas ao longo da sua focalização. Segundo Reis & Lopes “a focalização refere-se ao conceito identificado também por meio de expressões como ponto de vista”, utilizado por vários teóricos e críticos literários. Vejamos:

a focalização pode ser definida como a representação da informação diegética que se encontra ao alcance de um determinado campo de consciência, quer seja o de uma personagem da história, quer o do narrador heterodiegético; consequentemente, a focalização, para além de condicionar a quantidade de informação veiculada

(eventos, personagens, espaços, etc.), atinge a sua qualidade, por traduzir uma certa posição afectiva, ideológica, moral e ética em relação a essa informação. Daí que a focalização deve ser considerada um procedimento crucial das estratégias de representação que regem a configuração discursiva da história. (REIS & LOPES, 2002. p. 165).

Há focalização omnisciente quando o narrador se coloca numa posição de sublimidade, ele mostra conhecer toda a história, manipula o tempo devassa o interior das personagens. Ao longo da leitura damos-nos conta de que Manuel Lopes está a par de tudo o que acontece e que tem um conhecimento profundo das personagens, através do acompanhamento ao pormenor daquilo que fazem. A narrativa de *Chuva Braba* faz-nos um

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

convite como leitores para entrarmos dentro do texto e viver aquilo que é experimentado pelas personagens. Ele domina bem as maneiras de estar, ser, agir e pensar das personagens, demonstrando saber todos os passos e os diferentes momentos da narrativa:

focalização omnisciente entender-se-á, pois, toda a representação narrativa em que o narrador faz uso de uma capacidade de conhecimento ilimitada, podendo, por isso, facultar as informações que entender pertinentes para o conhecimento minudente da história. Colocado numa posição de transcendência em relação ao universo diegético. (REIS & LOPES 2002. p. 174).

Manuel Lopes usa a obra *Chuva Braba* para fazer a representação do real cabo-verdiano, através da vivência da ilha. É nos apresentado um testemunho dos factos ocorridos naquele período:

Na obscuridade do compartimento exíguo, entre as quatro paredes de pedra e barro, Escolástica movia-se com presteza dum lado para outro, acocorava-se nos recantos escuros, trazia objectos invisíveis, abria e fechava o gavetão da mesa, metia o que tinha a meter nos balaies, fazia tudo a correr e com a precisão de quem sabe onde cada coisa se encontra. A vela de purgueira, em equilíbrio num graveto espetado no interstício da parede, junto da janelinha das arrecadações, espalhava uma claridade suja e espessa. A chama fumava agarrando-se penosamente aos rebordos do morrão (*Chuva Braba*, 1982. p. 37-38).

Nesta passagem o narrador demonstra conhecer o que está a narrar, fala da pequenez do quarto, como era construído, descreve todos os movimentos da Escolástica e faz um relato pormenorizado sobre a vela de purgueira que iluminava a casa. “Nha Totona escutou os passos da filha a afastar-se quase em corrida. “Se não me tens de riba de ti não fazes nada consoante” - resmungou de mau humor” (*Chuva Braba*, 1982. p. 39). Aqui o narrador revela conhecer o íntimo das personagens. Na obra *Chuva Braba* o autor conseguiu patentear os recursos como a enumeração, as referências a lugares reais (*Ribeira das Patas, Ribeirãozinho, Alto Mira, Ribeira dos Bodes...*) para estabelecer uma empatia entre o texto e o leitor para que possa haver a descodificação textual.

Concluimos que na obra *Chuva Braba* temos um narrador que adota uma focalização omnisciente, pela maneira como caracteriza as personagens, pela objetividade com que descreve os fatos e a manifestação de interesse pelo real das ilhas, em particular as ilhas de *Santo Antão* e *São Vicente*. Para além disto encontramos na obra como já havia referido uma relação entre leitor e autor, uma vez que essas duas entidades estão por dentro de tudo o que acontece, permitindo a inferência do leitor uma vez que conhece a realidade descrita.

6.6.3 Focalização Interna

Nesta perspetiva, o narrador adota o ponto de vista de uma ou mais personagens, fazendo com que haja uma restrição de conhecimento em relação ao universo narrado. A focalização interna resumidamente é “um conjunto de marcas textuais impostas pela limitada e gradual capacidade cognoscitiva de uma personagem inserida na história. É também, naturalmente, a sua subjetividade” (REIS & LOPES 2002. p. 172).

O objetivo de qualquer texto literário ou narrativo é o de narrar determinados acontecimentos que podem ser verdadeiros ou ficcionados, e para que isto aconteça é necessário haver entidades que suportam as ações, ou seja, as personagens, importantes para que haja narrativa.

A obra *Chuva Braba*, como já vimos anteriormente relata questões da vida social, principalmente relacionadas com a *seca* e com o impasse *partir/ficar*, que é um sentimento que sempre move o cabo-verdiano. Durante a narrativa as personagens são convocadas a intervirem, e geralmente correspondem às expectativas dos leitores.

Ao longo desta narrativa o papel de cada personagem é de representar a realidade observada, isto leva-nos a dizer que cada personagem vive em consonância com o real local, ou seja, o autor observa o real e faz com que seja as personagens a fazerem a transmissão desta realidade, fazendo com que tenhamos uma focalização interna perante os acontecimentos narrados. Vejamos:

Nha Totona, de pé, apoiada à soleira da porta, deitou uma olhadela para o céu. Esguia na longa saia arrastadeira e no mandrião de muito pano caindo dos ombros como bandeira coçada, chupava sem cessar no canhoto de pau carcomido, fazendo com os beiços um ruído áspero de chibarra a mamar – pf, pf...
- Menina, ocês hoje vão com sol quente, pf, pf...
Não te digo mais nada. (Era a ameaça de costume; uma surra de vara de marmelo) (*Chuva Braba*, 1982. p. 38).

Vemos que o narrador conhece toda a realidade circundante, e coloca a personagem em ação para que esta possa dá-la a conhecer ao leitor.

6.7 Tempo:

6.7.1 Tempo da história

Ao longo da leitura da obra *Chuva Braba*, verificamos que apesar de constituir uma história sem muitas datas concretas e/ou explícitas, há informantes temporais e algumas referências relativas ao período socioeconómico que indiretamente nos facultam informações de que a diegese acontece numa era próxima da produção do atual texto, ou seja, possivelmente entre os anos 40-50. Calcula-se que por volta do ano 1947 a obra se encontrava em fase de preparação.⁴

Ao longo da nossa leitura, podemos tomar como exemplo para elucidar o que acima foi dito: na página 133 da obra (*Chuva Braba*, 1982), em que é feita a menção aos navios carvoeiros que faziam escala no *Porto de São Vicente*; ainda na mesma página a influência inglesa dos marinheiros na pronúncia de Joquinha «Um wonderkind», ou na de Mariano: “Um bom Captain deve gostar de mim...”. No quadro sincrónico, não nos deparamos com datas discriminadas ou alusões histórico-culturais que situem a ação da obra *Chuva Braba*. Aquilo que temos conhecimento é de que a história ocorre em setembro: “Me lembro bem; antigamente chovia em junho ou julho. Já estamos em setembro e não vejo chuva cair. É medonho...” (*Chuva Braba*, 1982, p.118). O leitor tem conhecimento de que se trata do período das férias escolares: “Tuca largara na véspera para o *Paúl*, arrastando consigo o Eduardinho que viera gozar as férias, rapaz esperto que escrevia brabo pra jornais.” (*Chuva Braba*, 1982, p.12).

A limitação do tempo histórico é equilibrada pelo simples “malabarismo” discursivo facultando o conhecimento através da analepse de como as coisas e as vivências eram antigamente, nas falas de Joquinha, de Sanção e de nhô Lourencinho.

Supomos que a duração temporal da história de *Chuva Braba* restringe-se a um prazo que não ultrapassa os sete dias. Entre a proposta do padrinho Joquinha feita ao afilhado Mané Quim, e a chegada da chuva encontramos o tempo do dilema entre *partir e ficar*, que aflui na decisão de ficar por parte do protagonista.

⁴ Cf. «O Jamaica Zarpou», *Claridade*, 4 de janeiro 1947, pp. 2 e 11, apresentado como excerto «Do romance *Terra Viva*», calculado como sendo o primeiro batismo da obra *Chuva Braba*.

6.7.2 Tempo do discurso

Com a leitura da obra constatamos que o tempo do discurso resulta no tratamento ou elaboração do tempo da história pelo narrador, em que este faz uso dos vários recursos discursivos para fazer avançar os acontecimentos e dar a conhecer o desenlace final. Assim, as referências feitas sobre as necessidades existentes em *Santo Antão*, relativamente a falta de infraestruturas em que não havia eletricidade, fazendo com que as pessoas utilizassem «A vela de purgueira, em equilíbrio num graveto espetado no interstício da parede, junto da janelinha das arrecadações, espalhava uma claridade suja e espessa» (*Chuva Braba*, 1982, p.38). Já em *Porto Novo*, no quarto de Mariano: “Mariano assoprou a vela e deitou-se.” (*Chuva Braba*, 1982, p. 131); na pensão de Maria Lé, Joquinha: “Assoprou a vela e ficou de olhos abertos no escuro.” (*Chuva Braba*, 1982, p. 141); ainda em *Porto Novo*, no exterior: “Três homens penetraram na ruela a correr. O primeiro levava um foco.” (*Chuva Braba*, 1982, p.125).

Ao longo da história aparecem várias personagens em lugares diferentes, mas que é possível acompanhar os seus percursos, bem como saber os seus quotidianos através das várias informações passadas ao leitor. Tomemos como exemplo a frase seguinte: “Apareceu essa mesma tarde na *Ribeira das Patas*.” (*Chuva Braba*, 1982, p.33), indicando que João Joana chegara na tarde em que Joquinha falava com Mané Quim. É também possível ter conhecimento sobre o tempo de passagem de determinadas ações: “Era a hora cinzenta do desamparinho” (*Chuva Braba*, 1982, p.31), “Era a hora de recolher dos trabalhadores e pastorzinhos com vacas, carneiros ou cabras, e do regresso das raparigas tagarelas do *Porto*.” (*Chuva Braba*, 1982, p.33). “Era ainda noite, mas as estrelas...” (*Chuva Braba*, 1982, p.37), “esta pla-manhã” (*Chuva Braba*, 1982, p.39), “amanhecia” (*Chuva Braba*, 1982, p.93 etc).

Os homens ligados à terra recebem informações sobre as horas do dia através do trajeto do sol, do ciclo das fainas agrícolas e também da sucessão dos dias e das noites. Joquinha tem um relógio, fruto da sua estadia em terra longe: “O relógio de pulso marcava as dez horas” (*Chuva Braba*, 1982, p.141), “...pegou o relógio de horas luminosas, os ponteiros marcavam as seis justas” (*Chuva Braba*, 1982, pp.148/149).

O seguimento das informações sobre horas e dias, possibilita ao leitor estimar a duração do romance: “Era noite ainda, mas as estrelas empalideciam para as bandas do nascente, sobre o Canal” (*Chuva Braba*, 1982, p.37). Vemos que esta frase assinala o

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

começo do segundo dia. No entanto o terceiro dia é comunicado de forma mais simplificada: “Quando o rapaz o procurou no dia seguinte...” (*Chuva Braba*, 1982, p.54). Encontramos o recurso frequente à analepse para a atualização do passado: “nhô Vital dissera-lhe dois dias antes” (*Chuva Braba*, 1982, p. 67). Lembrou-se “... Ele era ainda menino de dez anos” (*Chuva Braba*, 1982, p.76). Através deste processo encontramos a explicação sobre a carácter de Joquinha, nomeadamente quem ele é e quais as razões que o levaram a ser padrinho de Mané Quim e a estar em dívida para com ele: “Tinha uma velha dívida a saldar com o pai de Mané Quim. O que se deve aos mortos... foi ele quem o convencera a abandonar a terra. Recomendara-o a um parente, gerente...” (*Chuva Braba*, 1982, p.83).

Com a utilização da analepse o leitor tem novos conhecimentos, conhecimentos esses que são distintas das que restituem determinados acontecimentos na lembrança e facilitam ao leitor situar-se no decorrer dos dias: “Depois da cena de há dois dias no ribeiro...” (*Chuva Braba*, 1982, p.56), referindo-se ao momento em que Mané Quim encontra de novo Escolástica à *beira da Ribeira*. “Havia quatro dias que não se viam. Jack tinha ido ao norte auxiliar o lavrador...” (*Chuva Braba*, 1982, p.70), fazendo-nos recordar que Jack partiu na manhã do primeiro dia (*Chuva Braba*, 1982, p.28), querendo com isto dizer que os irmãos vão-se encontrar no quinto dia. Também encontramos informações na utilização da prolepse, quando Jack diz: “Nhô Joquinha vem falar com mãe-Joja amanhã p’la manhã. Mandou recado.” (*Chuva Braba*, 1982, p.72). Na fala de Joquinha quando disse: “Amanhã vou lá à comadre e tudo ficará esclarecido, porque dentro de três ou quatro dias ponho-me a andar.” (*Chuva Braba*, 1982, p.79) “Vou lá amanhã sem falta, tanto mais que tenho interesse em...Mais três dias devo me raspar para *S. Vicente*. Vais sentir um grande alívio.” (*Chuva Braba*, 1982, p.86).

O narrador vai dando-nos referências temporais em que o leitor fica a saber que Joquinha anunciará a sua partida para *São Vicente* no oitavo dia, no entanto, ele e o afilhado partirão na véspera, de manhã, de *Ribeira das Patas para Porto Novo*, (*Chuva Braba*, 1982, p.114). Eles passam a noite em *Porto Novo* e pela madrugada, Mané Quim acorda angustiado. (*Chuva Braba*, 1982, p. 145), acorda com a som da “*Chuva braba, boa amiga!*” “chuva sobre esses campos queimados!” (*Chuva Braba*, 1982 p.147), rejeitando embarcar, porque a chuva restabeleceu-lhe a firmeza num amanhã melhor onde poderá extrair da terra o sustento para si e sua família com a revitalização da nascente no *ribeirãozinho*.

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

O leitor teve a oportunidade de durante alguns dias acompanhar as indecisões de Mané Quim, perante o dilema de *partir ou ficar*, em que os principais argumentos para a partida residem no retrato negativo apresentado sobre o passado e o presente: “A vida virou tão pequenina, tão acanhado o presente, que todas as janelas dão para o passado, para as moradas dos mortos.” (*Chuva Braba*, 1982, p.104). O futuro poderá ser positivo se Mané Quim aceitar partir “Te estudei bem, teu futuro está lá fora” (*Chuva Braba*, 1982, p.14). Reforçado ainda nas palavras do padrinho “Não vai ao Deus-dará como os outros. Leva o futuro na mão.” (*Chuva Braba*, 1982, p.105). “Estou-te a abrindo o caminho do futuro e tu vais virar as costas só porque as nuvens deixam cair uma pouca de água?” (*Chuva Braba*, 1982, p.152).

A mesma dicotomia acontece com os advérbios “antigamente e agora”, em que o “antigamente” tem uma conotação negativa igual ao passado em que o leitor tem conhecimento que há um desaparecimento da boa imagem que se tinha, onde as terras eram verdes, havia mais água nas rochas e nas ribeiras “Quem viu estas chãs antigamente e quem as vê agora!” (*Chuva Braba*, 1982, p. 13), “não te lembras como isto era antigamente?” (*Chuva Braba*, 1982, p.17). “Antigamente era tudo regadio.” “Um batalhão de regos por aí abaixo, quase toda a chã.” (*Chuva Braba*, 1982 p.97).

O “agora” o narrador apresenta um tempo difícil, sem perspectivas de um futuro melhor, onde as coisas mudaram e já não há mais água e conseqüentemente as “chãs” já não estão mais verdes “- Como ia dizendo, fiquei espantado quando não vi água caindo das rochas como antigamente. Isto está ficando ruim, está ficando medonho, rapazinho.” (*Chuva Braba*, 1982, p.13), “O verde das plantas tinha ficado para trás. Agora era um estendal de calhaus, ruínas de antigos muros de vedação e de currais, terra ardida.” (*Chuva Braba*, 1982, p.97).

O futuro será cada vez mais pior, sem perspectivas, isto na fala de Joquinha, uma vez que na fala de Nhô Lourencinho as coisas vão mudar, podendo haver um futuro melhor: “espalha, como quem despeja esterco, à roda da tua casa. Então tua terra virará rica.” (*Chuva Braba*, 1982, p. 57), e na de Nhô Vital “Chuva não faltará...” (*Chuva Braba*, 1982, p.67).

Da leitura e análise feita da obra *Chuva Braba* leva-nos à reflexão de que o tempo discursivo opera como uma alavanca para a caracterização das personagens mais do que ao serviço do progresso das ações, numa sequencialidade para incorporar e atualizar em Mané Quim o dilema entre *partir e ficar*.

6.7.3 Tempo psicológico

Se atendermos a que o tempo psicológico é um tempo subjetivo, que pode ser vivido ou sentido por uma personagem e que conseqüentemente fluirá de acordo com o seu estado de espírito, o tempo em que decorre o dilema ou a decisão final é curto. Na cronologia histórica, o desenlace final ganha forma durante mais ou menos vinte e quatro horas (tempo este situado entre a saída de Joquinha e Mané Quim de *Ribeira das Patas* e a recusa da partida por parte do afilhado no dia seguinte em *Porto Novo*). Esse *intervalo* de tempo contrasta com o tempo em que decorre o dilema da personagem principal, que dura entre *três a quatro dias*. Portanto podemos dizer que há um paralelismo entre o tempo histórico e o tempo do discurso através do processo do tempo psicológico, que é assim, um tempo carregado de uma consistência que se reflete num ritmo lento, onde há presença da subjetividade em determinadas personagens.

6.8 Ideologia:

6.8.1 Processos conotativos de expressão ideológica

Processos conotativos de expressão ideológica, podem ser percebidos como sendo o *recurso* “a determinados signos estético-literários, não só enquanto investidos das funções que lhes são específicas habitualmente, mas também enquanto susceptíveis de remeter, pela sua simples utilização, a certos vectores ideológicos precisos”. (REIS, 1983, p. 152).

Na obra *Chuva Braba* temos a personagem principal, Mané Quim, que é submetido a um tipo de caracterização, considerada indireta, feita com base na ideologia de um narrador onisciente como já vimos anteriormente e que dá a conhecer todas as características da personagem central. As caracterizações diretas e indiretas fazem com que haja uma mudança ideológica importante relativamente a personagem, fazendo com que ela seja conhecida no seu íntimo e nas suas motivações relativas ao desejo de *partir ou ficar*.

Ao longo da obra *Chuva Braba*, as personagens que nela estão presentes têm as suas visões particulares, submetendo-se ao campo da subjetividade, onde encontramos a ideologia que

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

privilegia uma visão geral da obra em detrimento de uma visão particular de cada personagem.

A onisciência do narrador faz com que haja uma certa descrença nos valores no seio das populações, e na própria personagem principal no que tange à vinda da chuva e consequentemente o renascer da nascente em *Ribeirãozinho*, e de uma forma geral o renascer da esperança que haveria produção agrícola para o sustento do homem do campo. Essa descrença é reforçada, tendo em conta que a onisciência do narrador é transversal a todo o discurso narrativo da obra *Chuva Braba*. A descrença é motivada também pela presença do tempo psicológico que carrega consigo as marcas da subjetividade, uma vez que o tempo cronológico é pregado em termos matemáticos, não abrindo espaço para a subjetividade.

Relativamente à personagem principal da obra e sua essência ideológica em termos do apego à terra e a recusa da partida, pode-se dizer que se mantêm atualizados na mente do cabo-verdiano, impregnados na esperança da vinda da chuva para poder extrair da terra o seu sustento e levar uma vida economicamente mais estável.

6.8.2 Ideologia do narrador e da personagem central

Sobre a ideologia do narrador, dissemos anteriormente que na obra *Chuva Braba* encontramos um narrador onisciente que centra a sua postura e subjetividade na transmissão da forma de estar e pensar das personagens, principalmente da personagem principal, fazendo com que este se desencarne do amor à terra e da luta perante os *problemas telúricos* e resolva partir para o *Brasil*. Embora constatamos que há um certo dinamismo na personagem principal ao longo da narrativa e, assim sendo, diminuirá uma certa carga de subjetividade do narrador.

O narrador não se debruça apenas sobre a personagem principal, mas também sobre a conduta de outras personagens como sendo nhô João Joana, que é uma personagem cuja conduta não é abonatória de ser seguida, uma vez que ele empresta dinheiro aos pobres e se aproveita da situação da seca para tomar as terras dos “coitados” e dar-se bem na vida. O próprio Joquinha que manda *destruir a propriedade do afilhado* com o propósito de atingir o seu objetivo que é o de levar Mané Quim a aceitar o convite feito, demonstra uma ideologia nada abonatória daquilo que é a conduta humana. Ainda o narrador apresenta-nos já na

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

segunda parte o comerciante Artur, dono de uma loja em *Porto Novo*, que é um típico aproveitador da *desgraça da terra*. Para Artur é sinónimo de lucro, toda a desgraça causada pelas secas cíclicas. (*Chuva Braba*, 1982, p. 119). Apresenta também o Mariano que é um contrabandista, representante de todo o mal por que passam os homens do mar e que anseiam uma saída à procura de uma vida melhor, demonstrando que não há uma certa denotação do narrador na descrição de algumas personagens da narrativa.

O narrador apresenta as diferentes perspetivas do homem cabo-verdiano em relação à forma como este mesmo homem vê a *terra mãe*. Uns acham que devem fazer de tudo para que a terra produza para o seu sustento, outros veem na partida uma forma de sobreviver às *más condições telúricas impostas pela natureza*. Aproveita também de uma forma indireta para denunciar as más condições sociais vividas nas ilhas e o aspeto de abandono a que as ilhas estavam votadas.

Concernente à ideologia da personagem principal, Mané Quim, o narrador apresenta-o como sendo o retrato do *homem telúrico cabo-verdiano*, ou seja, o homem que demonstra o seu apego à terra e esperança de que ela produzirá para o seu sustento. A personagem central da obra *Chuva Braba* é apresentada como uma personagem funcional que se vê envolvida numa encruzilhada entre *partir/ficar* e que tem que se posicionar perante uma delas. Mané Quim é apresentado como sendo uma personagem tímida, indecisa que fundamentará no dilema e chega a uma resolução ainda que provisória.

O narrador quer fazer com que a personagem central seja resiliente e que lute perante as adversidades de uma natureza madrasta fixando-se na ilha e vencendo as más condições telúricas existentes, ao mesmo tempo que retrata e denuncia as más condições socioeconómicas vivido nas ilhas.

Mané Quim é um verdadeiro *apelo telúrico* e o conflito que o divide é passível de soluções diversas (partir ou ficar), mesmo que isto possa reinstalar uma nova angústia existencial que identifica indelevelmente a insularidade cabo-verdiana.

Na primeira parte da obra vimos que a personagem principal, vendo quase a impossibilidade de recuperar a nascente em *Ribeirãozinho*, decide partir com o padrinho. O amor que ele sente pelas personagens (a mãe Joja, Escolástica e a nascente) não foi capaz de o transformar como poderia acontecer num herói romântico e levá-lo a tomar a decisão de ficar. O desejo intenso de ficar da personagem principal é definitivamente decidido pela

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

mãe natureza, e em particular à *chuva* que caiu na noite em que ele já estava no *Porto Novo* pronto para seguir viagem com o padrinho.

7. Considerações Finais

Neste trabalho de investigação, procuramos demonstrar que a narrativa de Manuel Lopes, no caso concreto a da obra *Chuva Braba*, está ligada a novas motivações culturais, cívicas e estéticas que procuraram se distanciar dos cânones literários existentes antes dos anos 30 do século passado. O texto *Chuva braba* apresenta marcas evidentes da sua inovação literária, quer do ponto de vista ideológico, quer do ponto de vista formal, conforme tentámos demonstrar. Assim, pela componente referencial que esta narrativa encerra, pretendemos incentivar, a partir da leitura literária, fundamentalmente a formação cultural e cívica do aluno do décimo primeiro ano de escolaridade, mas também desenvolver as suas competências linguísticas e literárias, de modo a que a leitura da obra *Chuva Braba* se realize como um momento de aprendizagem perante as más condições sociais vivida nas ilhas na época. Além disso, pretendemos estimular o prazer pela leitura literária, bem como fazer com que o aluno desenvolva o espírito crítico relativo as más condições sociais descritas na obra.

A nossa proposta prende-se indiscutivelmente, com a tentativa de criar um documento orientador de leitura da obra *Chuva Braba*, que sirva como um impulsionador aos alunos no conhecimento da literatura cabo-verdiana a partir dos clássicos e como um elemento motivador para a leitura da obra e conhecimento profundo do seu autor. Ora, como atrás afirmámos, esta narrativa encerra uma temática que reflete preocupações da sociedade de hoje, (a seca e suas consequências) e que pode abrir uma reflexão sobre várias questões de ordem ética, moral e cívica. Além dessa temática diferente que a obra *Chuva Braba* trouxe, e que continuou a marcar na altura um ponto de viragem na literatura cabo-verdiana, ela contém aspetos que podem criar um bom ambiente pedagógico e prazeroso numa aula de literatura. A obra em estudo também nos leva para o lado da intencionalidade virada para o questionamento de gestos e comportamentos que não se inscrevem em boas práticas, visando a construção de uma identidade individual e social. Nesta narrativa há personagens cujo comportamento pode ser considerado adequado e constituir-se como modelo e que pode ser destacado aos olhos do leitor, aspeto que nos parece relevante para formar cidadãos com sentido de responsabilidade, quer em relação a si mesmo, quer relativamente ao ambiente sociocultural.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Na nossa identidade cultural a diversidade tem contribuído fortemente para que haja um incremento na conservação dos valores morais na sociedade cabo-verdiana. No contingente dos países africanos de expressão portuguesa, Cabo Verde é o que adquiriu uma singularidade na sua cultura e identidade por causa da particularidade da sua história e do seu processo de colonização. Segundo Manuel Veiga “a caboverdianidade não é um mito, nem tão pouco, uma fantasia ou uma alienação (...) ela significa ser um povo, uma nação, ter um território livre e possuir uma cultura própria” (VEIGA Manuel., 1997, pp. 58-65). Na obra *Chuva Braba*, tivemos a oportunidade de constatar que nela estão presentes elementos identificadores da identidade cultural do homem cabo-verdiano que perduram até os dias de hoje, e que devem ser bem explorados numa aula de leitura da obra.

Nos dias de hoje, devido à heterogeneidade das turmas, é preciso convocar estratégias de ensino inovadoras, quer do ponto de vista de eleição de métodos de ensino e aprendizagem, quer no tocante à escolha dos textos de leitura obrigatória. Procuramos refletir um pouco sobre os programas de literatura do décimo primeiro ano, relativamente a importância concedida aos textos em contexto de ensino e aprendizagem de língua e literatura, e constatamos que os textos literários têm uma predominância razoável nos programas, porém não se dá a devida atenção às diferentes estratégias de abordagem da leitura nem aos métodos de escolha dos textos a serem lidos na sala de aula, deixando que tais desígnios fiquem ao critério de cada professor. Este procedimento parece-nos inadequado uma vez que nem todos os professores são conhecedores das mesmas estratégias de leitura, fato que pode estar ligado a formação académica de cada um, e à própria dimensão da orientação curricular, o que poderá conduzir a uma leitura superficial, levada a cabo como pretexto para consolidar os conteúdos programáticos referenciados. As orientações programáticas recaem basicamente sobre as categorias da narrativa, mas o docente não deve ignorar a dimensão plurissignificativa dos textos no processo de leitura. O docente deve recorrer a estratégias que permitam extrapolar a estruturação narrativa do texto, explorando todos os aspetos a ele associados. Tomando este propósito tentamos apresentar alguns exercícios em anexos ao trabalho que permitam a interação entre o aluno leitor e o texto.

Relativamente ao que foi dito, é necessário que o professor privilegie a exploração de atividades criativas e motivadoras para incentivar o prazer da leitura de obras literárias, neste caso a obra *Chuva Braba*.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Finalmente, cumpre-nos o dever de realçar que, perante a complexidade do tema e das condições que uma pesquisa desta natureza impõe, quisemos apenas refletir sobre a Identidade Cultural do Homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba*, demonstrando que vários aspetos identificadores desta identidade estão presentes na obra, e perduram até os dias de hoje. Quisemos também apresentar um roteiro de análise da obra, com enfoque nas categorias da narrativa.

8. Bibliografia

Aguiar E Silva, Victor Manuel de (1991). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Liv. Almedina.

Anderson, Perry (1998). *As origens da pós-modernidade*. Lisboa: Edições 70.

Anjos, José Carlos Gomes dos (2002). *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: Lutas de definição da identidade nacional*. Praia (Cabo Verde): INIPC.

Almada, José Luís Hopffer C. Almada (2008). “*Estes poetas são meus (alguns marcos na poesia cabo-verdiana contemporânea)*”. Confraria. Arte e literatura, Rio de Janeiro, n. 18, jan./fev.

Baptista, Maria Luísa (1993). *Vertentes da insularidade na novelística de Manuel Lopes*. Porto Edições Afrontamento.

Barthes, Roland et al, Apresentação de Tzvetan Todorov. (1984), *Literatura e Realidade, (Que é o Realismo?)*. Publicações Dom Quixote. Lisboa;

Bloom, Harold (2011). *O cânone Ocidental*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Cardoso De Oliveira, R (1974). *um conceito antropológico de identidade. Série Antropologia 6, Brasília: UNB*

Cardoso, Pedro (1933). *Folclore cabo-verdiano*. Porto: Edições Maranus.

Carreira, António (1983). *Cabo Verde: Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. 2ª Edição. Lisboa: Gráfica Europam, Lda.

Carreira, António (1984). *Cabo Verde (Aspectos Sociais, Secas e Fomes do Século XX)*, Biblioteca Ulmeiro, nº 9, Lisboa, 2ª ed.,

Fernandes, Maria de Fátima (2016). *Percursos Identitários e Estéticos na Literatura Cabo-Verdiana Contemporânea*. Editor: Pedro Cardoso Livraria. 1ª edição – Praia.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Ferreira, Manuel, (1959). *Consciência Literária Cabo-verdiana – Quatro Gerações: Claridade-Certeza-Suplemento Literário-Boletim do Liceu Gil Eanes in Revista Estudos Ultramarinos*, Lisboa.

Ferreira, Manuel, (1967). *A aventura crioula ou Cabo Verde, uma síntese ética e cultural*. Lisboa: Ulisseia.

Ferreira, Manuel, (1975). *No Reino de Caliban – Antologia panorâmica da Poesia Africana I*. Lisboa, Editora Seara Nova.

Ferreira, Manuel, (1977). *Literaturas Africanas de expressão portuguesa*. 1ª edição Venda Nova, Amadora: Livraria Bertrand. Vol. 1.

Ferreira, Manuel, (1989). *O Discurso no Percurso Africano I*. Lisboa: Plátano Ed.

Gomes, Simone Caputo, (2008). *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

Gomes, Simone; Pereira, Érica Antunes, (2015). *Literatura Cabo-verdiana: seleta de poesia e prosa em língua portuguesa*. Belo Horizonte: Nandyala.

Gomes, Simone Caputo; Pereira, Érica; Mantovani, António (2015). *Literatura Cabo-verdiana: leituras universitárias*. Cáceres: UNEMAT.

Hamilton, Russel (1984). *Literatura Africana/Literatura Necessária II*. Lisboa, Edições 70.

Hanras, Marie- Christine (1995). *Manuel Lopes: um itinerário iniciático*. Praia: Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco.

Hall, Stuart (1999). *A Identidade Cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A.

Hall, Stuart. (2006). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. (Org. Liv SOVIK) (1ª impressão revista) Belo Horizonte: Editora UFMG

Laban, Michel (1992). *Cabo Verde: Encontro com escritores (entrevistas)*, Vol. I e II, Fundação Engº António Almeida, Porto

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Laranjeira, Pires (1995). *Literaturas Africanas de Expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.

Lopes Filho, João (1984). *conversando com Manuel Lopes* (entrevista conseguida em Lisboa, maio de 1984) in *Ponto e Vírgula*, nº9, São Vicente- Cabo Verde, mai/junho, p. 18

Lopes Filho, João, (1981). *Cabo Verde: subsídios para um levantamento cultural*, Lisboa: Plátano.

Lopes Filho, João (1996). *Ilha de São Nicolau: formação da sociedade e mudança cultural*. v. 2. Lisboa: Secretaria-Geral do Ministério da Educação.

Lopes Filho, João (2003). *Introdução à cultura cabo-verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação de Cabo Verde.

Lopes, Manuel (1959). Reflexões sobre a literatura cabo-verdiana ou a literatura nos meios pequenos in *Colóquios Cabo-verdianos*, nº 22 Junta de Investigações Ultramarinas, Lisboa

Lopes, Manuel (1982). *Chuva Braba*. Lisboa: Edições 70.

Lopes, Manuel (1984). *Galo Cantou na Baía*. Lisboa: Edições 70.

Madeira, João Paulo (2014). *O Processo de construção da identidade e do estado-nação em Cabo Verde*. Revista Científica Vozes dos Vales, Minas Gerais, Vol 3.

Mariano, Gabriel (1991). *Cultura cabo-verdiana: ensaios*. Lisboa: Veja 1991.

Margarido, Alfredo (1980). *Estudos Sobre as Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, Edições Lda.

Matos, M^a Vitalina Leal (2001). *Introdução aos Estudos Literários* . Lisboa: Ed.Verbo.

Medina, Camilo Barbosa Levy (2004). *Um olhar sobre o ensino do português em Cabo Verde como língua segunda*. Praia.

Perotti, Antonio (1997). *Migrations et Sociétés Pluriculturelle en Europe*. Paria: Ed. L' Harmattan.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Racault, Jean- Michel (1995). *De l'île réelle à l'île mythique: bernardin de saint-Pierre et l'île de France. In: Insularité: Thématique et représentation, Actas de colóquio de Saint-Denis de la Réunion*, Paris: Harmattan.

Reis, Carlos (1976). *Técnicas de análise textual*. Coimbra, Almedina.

(1983). *Introdução à Leitura D'os Maias*. Coimbra: Liv. Almedina, 4ª edição.

Reis, Carlos, Lopes, Ana Cristina M. (1994). *Dicionário de Narratologia* Coimbra:Livraria Almedina.

Reis, Carlos. *Teoria da Literatura*. (2000). 8ª Edição. Livraria Almedina. Vol.I. Coimbra;

Reis, Carlos. (2001). *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*. 2ª Ed. Livraria Almedina. Coimbra;

Reis, Carlos e Lopes, Ana Cristina M. (2002). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra, Almedina. 7ª Edição - Coimbra

Rei, José Esteves (2007). *A Análise Textual Teorias e Práticas*. Lisboa: edições Colibri

Semedo, Manuel Brito (1995). *Caboverdianamente ensaiando*. Ilhéu Editora, Vol. 1.

Semedo, Manuel Brito [s.d]. *Caboverdianamente ensaiando*. Ilheu Editora, Vol. II.

Semedo, Manuel (2006). *A Construção da Identidade Nacional – Análise de Imprensa entre 1877 e 1975*. Editora: Instituto da Biblioteca Nacional. Praia.

Silva, António Correia (2001). *Manuel Lopes e a História do pensamento sobre fomes*. In: Maia, Armandina Maria (Coord). *Manuel Lopes: rotas da vida e da Escrita*. Lisboa: Instituto Camões.

Veiga, M. (1997). *A construção do bilinguismo*. In: *cultura*. Revista semestral.

Veiga, M. (2002). *O caboverdiano em 45 Lições, Praia: INIC*.

Kleiman, Ângela (1992). *Texto e Leitor – Aspetos Cognitivos da Leitura*. 2ª Edição Campinas, São Paulo: Pontes Editora

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Outros documentos

Ministério da Educação e Valorização dos Recursos Humanos (2005). *Programa de Língua Portuguesa*. Praia: MEVRH.

Lei de Bases do Sistema Educativo (2010). Artigos 25.º e 10.º, alíneas g e b.

Decreto-Legislativo, nº 13/2018 de 7 de dezembro.

Decreto-Lei, nº 8/2019 de 22 de fevereiro

9. ANEXOS

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Teste de Língua Portuguesa	11º Ano de Escolaridade
Duração do teste: 100 minutos	Ano letivo 2019/2020
Nome: _____ Turma _____	Classificação _____
Teste do Terceiro Trimestre	

O presente teste tem como objetivo avaliar os teus conhecimentos em literatura cabo-verdiana, com base na obra *Chuva Braba* do escritor Manuel Lopes. Lê o enunciado princípio até ao fim e só depois começa a responder as questões que te são colocadas.

1. Escolhe a opção correta complementar a cada um dos itens seguintes:

1.1. A obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes é composta por:

- a) por vinte e um capítulos subdivididos em duas partes.
- b) vinte capítulos subdivididos em duas partes.
- c) capítulos subdivididos em três partes.
- d) vinte e um capítulos subdivididos em três partes.

1.2. *Chuva Braba* apresenta como temática central:

- a) a luta do cabo-verdiano para vencer os problemas derivados da seca.
- b) a problemática da emigração cabo-verdiana nos tempos de seca.
- c) as fomes vividas pelos cabo-verdianos durante as grandes secas.
- d) o relacionamento entre Mané Quim e Escolástica.

1.3. Mané Quim afigura-se como polo central da narrativa devido:

- a) A persistente luta para ultrapassar as dificuldades causadas pela seca.
- b) A sua relação com Escolástica e a sua possível ida para o Brasil.
- c) Ao dilema que o cerca e as dificuldades em o superar.
- d) A responsabilidade que assume no seio da sua família.

2. Mané Quim vive o dilema do “querer ficar, mas ter que partir”.

2.1. Em que consiste esse dilema?

2.2. Faz o enquadramento desse dilema na literatura cabo-verdiana, com enfoque na periodização literária.

2.3. Aponta as razões para a não resolução desse conflito vivido por Mané Quim.

2.4. **O dilema vivido por Mané Quim é inicialmente ultrapassado. O rapaz decide seguir viagem com o seu padrinho, rumo ao Brasil.**

2.4.1. Que argumentos Nhô Joquinha apresentou para convencer o afilhado a partir com ele?

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

2.4.2. Qual foi a alavanca para a decisão de Mané Quim.

3. Nhô Lourencinho diz para Mané Quim que “quem parte perde a alma”. Por sua vez, Nhô Vital vê, no partir, as soluções para a melhoria da condição social dos cabo-verdianos, posições que nos levam a afirmar que os dois apresentam perspectivas diferentes quanto à questão do “ficar” e do “partir”.

3.1. Faz uma análise ao posicionamento dessas duas personagens, contextualizando-as no quotidiano do homem cabo-verdiano.

3.1.1. Será Nhô Lourencinho um regionalista telúrico?

3.1.2. Completa o quadro seguinte com nomes de personagens de *Chuva Braba* partidárias do “partir” ou do “ficar”. Segue o exemplo.

Personagens	Partir	Ficar
Escolástica		X

4. Segundo o narrado, em *Chuva Braba* 1982 (pp.13 e 14), o clima em Cabo Verde havia dado uma reviravolta. O que era, deixara de ser e esta situação inquietava o homem cabo-verdiano.

4.1. Faz uma análise comparativa do Cabo Verde antes, e depois da estiagem.

4.2. Aponta, exemplificando, os principais aspetos linguísticos (formas verbais, adjetivos, ...) que, em *Chuva Braba* mostram, de forma clara, a viragem da situação climatérica em Cabo Verde.

5. Zé viola e Joquinha personalizam grupos antagónicos de Cabo-verdianos quando está sobre a mesa a questão de se safar/combater à miséria.

5.1. Como isso se evidencia no diálogo entre estas duas personagens? (cf. *Chuva Braba*, 1982, pp.16-19)

6. “A presença de João Joana fazia a todo o mundo sonhar com dinheiro. As sílabas do seu nome tilintavam como moedas, tiravam o sono a muita gente. Para uns, ele era a salvação, o enviado da Providência. Para outros de juízo assentado, era a perdição, a sombra ruim, o demónio disfarçado entre as criaturas”. (*Chuva Braba*, 1982, p. 33).

6.1. Explica, fazendo uma abordagem crítica, o porquê dessas duas perspectivas quanto à pessoa do João Joana. Atenta, ainda, às páginas 34 e 35 da mesma obra.

7. Relaciona o título da obra com a passagem que retrata a vinda da chuva quando Mané Quim já estava prestes a embarcar rumo ao Brasil.

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

8. Atenta à seguinte afirmação:

“Grandes obras literárias marcam os diferentes períodos da literatura cabo-verdiana. Apesar do autor Manuel Lopes, ser uma referência do III período da literatura Cabo-verdiana, a *Claridade*, e de *Chuva Braba* estar inserido no contexto desse movimento, esta obra tem, segundo alguns defensores, tudo para ser enquadrado no período da Cabo-verdianidade, o IV período da literatura Cabo-verdiana.”

8.1. Tomando a afirmação como Tese, e tendo presente a contextualização histórica da Obra *Chuva Braba*, produz um texto argumentativo onde te possas posicionar a favor ou contra.

Na tua produção, dá uma especial atenção à:

- A estrutura do texto argumentativo, lembrando que o primeiro parágrafo é reservado à Tese. Os parágrafos seguintes reservados aos argumentos, a exceção do parágrafo referente à conclusão;
- Coesão e coerência intra e interfrásica;
- Correção ortográfica;
- Uso correto dos sinais da pontuação.

Fim

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

FICHA DE AFERIÇÃO DE LEITURA

Indicações Bibliográficas:

Título: _____.

Autor: _____ Edição: _____.

Local: _____ Editora: _____ Data: _____.

Nº	Tarefa	Sim	Não	Porquê
1	Sou capaz de identificar o autor de <i>Chuva Braba</i> .			
2	Consigo apresentar biograficamente o autor de <i>Chuva Braba</i> .			
3	Consigo situar o autor de <i>Chuva Braba</i> no panorama literário Cabo-verdiano.			
4	Consigo contextualizar a obra <i>Chuva Braba</i> no panorama literário Cabo-verdiano.			
5	Consigo identificar os propósitos do surgimento da revista <i>claridade</i> na obra <i>Chuva Braba</i> .			
6	Consigo classificar a obra <i>Chuva Braba</i> , quanto a tipologia.			

Data de início da leitura: _____.

Data da conclusão da leitura: _____.

Comentários:

Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes – São Vicente
Mestrado em Ensino do Português, Língua Segunda, Língua Estrangeira

Tema: A Identidade Cultural do homem cabo-verdiano na obra *Chuva Braba* de Manuel Lopes.

Ficha de auto-avaliação - Alunos

Após a leitura da obra <i>Chuva Braba</i> de Manuel Lopes, sou capaz de:				
Nº	Tarefa	Sim	Não	Porquê
1	Apresentar o assunto da obra.			
2	Fazer o resumo da obra.			
3	Apresentar a (s) personagem (s) principal (s) da obra.			
4	Fazer a descrição física e psicológica da (s) personagem (s) principal (s).			
5	Fazer a localização espacial das ações da obra.			
6	Fazer a localização temporal das ações da obra.			
7	Classificar o narrador da obra quanto à presença.			
8	Classificar o narrador quanto a focalização.			
9	Apresentar a relação existente entre Mané Quim e as personagens femininas da obra <i>Chuva Braba</i> .			
10	Reconhecer os elementos culturais que determinam a identidade do homem cabo-verdiano.			